Fevereiro 91

Ano I

Nº 1

Preço 50$00

A CABRA

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA

Director: José de Albuquerque

AGORA

28

PÁGINAS

"(...) tenho um pensamento abstracto, mas procuro ser um homem concreto."



O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, cedeu uma entrevista ao Jornal "A CABRA". Durante a mesma realçou a boa relação que tem mantido com as várias Direcções Gerais da A.A.C. e acusou o Governo da falta de verba para a contratação de docentes. Considera que as reivindicações estudantis têm basicamente razão e que o problema da criação das universidades privadas foi mal posto desde o início.

TIMOR-LESTE

A comunidade internacional, correntemente usa a força militar como resposta à indignação que provoca a invasão de um país por outro. Na história recente do mundo, e especialmente na história do terceiro mundo, desde a última guerra mundial, temos assistido a uma longa história de invasão após invasão de pequenos países por outros maiores e mais poderosos. Por vezes o mundo vira a cabeça e ignora. A invasão de Timor Leste em 1975 pertence a esta categoria.



• Eleições na A.A.C.

Laranjas e Rosas ou o retrato de um candidato enquanto fala.Fernado Guerra e Paulo Martins - dois "galos" para um só poleiro

Pág. 3 a 5

• Faculdades

Depois da Fac.de Direito; Letras, Eng. Electrotécnica e Medicina Dentária questionam o futuro.
Os estudantes reivindicam...

Pág.8 e 9

• Queima das Fitas

A Queima este ano não vai ter "fitas"? Cartaz já tem.
Uma coisa é certa, algo está a mudar na Festa dos estudantes.
Tudo isto e muito mais...

Pág 6

• Desporto

Estão aí os Torneios-Abertos, organizados pela D.G./A.A.C..
O Desporto Universitário - o debate continua. Livre Directo oferece-lhe o " Golo do mês"

Pág. 21 a 23

EDITORIAL

Está aí o nº 1 de "A Cabra"

Não foi fácil. Os apoios com que contávamos mais uma vez não surgiram. Disseram-nos que talvez para os próximos números. Não apoiaram. Por uma questão elementar, de justiça, temos que referir uma honrosa excepção – A Direcção-Geral da AAC.

Negamo-nos a fazer campanha política, jamais faremos a corte seja a quem for. Mas sentimo-nos obrigados a felicitar esta Direcção-Geral. Desde o momento em que decidimos lançar o projecto "A Cabra" que nos sentimos apoiados pela D.G. Sempre nos colocaram ao dispôr os meios de que precisamos.

Depois da entrevista ao Presidente da AAC, damos agora a palavra ao Magnífico Reitor da nossa Universidade.

Ultrapassando as fronteiras da Lusa-Atenas, e porque Timor é uma questão de responsabilidade nacional, damos a conhecer um pouco da luta do povo timorense.

As Eleições para os Corpos Gerentes da A.A.C. estão à porta, grandes batalhas se desenham no horizonte da nossa vetusta Academia, falámos com os eternos rivais.

"A Cabra" dá assim os primeiros passos.

Que os tropeções já dados não a obriguem a cair...

José de Albuquerque

OS TEMPOS MUDARÃO MAS....

Considero não ser abusivo referir que a Escola não tem razão de existir se não for cumprido o objectivo para que foi criada: TRANSMITIR E APROFUNDAR CONHECIMENTOS.

Nos últimos anos, tem-se chamado a atenção para a existência na Universidade de situações alarmantes de Insucesso Escolar, nomeadamente na Universidade de Coimbra e que nalguns casos atinge mesmo 100%. Se bem que este tema tem sido abordado diversas vezes com maior ou menor profundidade, por alunos e docentes, o problema subsiste devido à falta de capacidade e/ou vontade dos agentes envolvidos para encontrar soluções adequadas.

Pretendendo contribuir para este debate, vou porém mais longe, apresentando propostas de solução.

Considero que coexistem três causas gerais para a coexistência de indices graves de Insucesso Escolar:

1 - Falta de Qualidade Pedagógica do Ensino Universitário

Os docentes universitários não têm preparação pedagógica de especie alguma, contrariando as linhas de orientação, que eles próprios ajudaram a criar, para os outros graus de Ensino. Para agravar esta situação nas provas realizadas pelos docentes, para progressão na respectiva carreira, a componente pedagógica é liminarmente preterida em função do componente científico. Este conjunto de factores provoca no docente um sentimento que podemos traduzir na expressão "Dar aulas é um mal necessário...", Urge portanto exigir que sejam contemplados no novo Estatuto da Carreira Docente Universitária, em elaboração, medidas que conduzam ao sanar deste problema, como por exemplo:

a) Obrigatoriedade de preparação pedagógica para iniciar funções de docência na Universidade.

b) Prestação de provas para progressão na carreira docente, com componente pedagógica adequada, provas estas realizadas a nível nacional, por forma que o processo seja totalmente transparente.

c) Sentido de responsabilidade por parte dos Orgãos de Governo da Universidade, nomeadamente fazendo respeitar a legislação vigente, a qual infelizmente, apesar de insuficiente, não tem sido tomada em linha de conta pelos docentes.

A postura adoptada até ao momento, e à semelhança da avestruz, é enterrar a cabeça na areia para não ver o que se passa em redor.

2 - Deficiente ligação da Universidade ao mundo empregador e à sociedade em que está inserida!

A interpretação esclerosada e elitista da Universidade de Coimbra em relação á sua antiguidade ("700 longos anos"), têm-na impedido de, num rasgo de lucidez, levantar a cabeça e olhar em redor, tomando contacto com a realidade.

São exemplos desta situação as dificuldades demonstradas na actualização dos planos de estudo e conteúdos programáticos, para já não referir, o atraso com que tem reagido às novas áreas do conhecimento, criando licenciaturas e tendo a coragem de atingir ou reduzir as entradas para licenciaturas que não têm saídas profissionais.

Para terminar este ponto queria deixar uma palavra de apreço por todos aqueles que apesar da arterioesclerose de uns e o imobilismo dos outros, ainda têm coragem e forças para tentar inovar procurando alternativas, atitudes que é necessário apoiar e estimular.

3 - Carências de natureza humana, salarial e material:

A insuficiência e degradação de instalações e material são problemas em que as soluções passam pela exigência, junto do Ministério da Educação, de Justiça na atribuição de verbas para a Universidade de Coimbra já que esta tem sido prejudicada nos últimos anos à face das outras Universidades.

Lamento a deficiente remuneração da actividade docente, o problema assume extrema gravidade, provocando o irremediável empobrecimento de Universidade.

Sendo um recém-licenciado melhor remunerado em outras actividades, este não optará pela docência, o que implica a "sangria" dos melhores alunos e o consequente empobrecimento de qualidade do Ensino.

Saliente-se que as dificuldades de natureza humana, salarial e/ou material não podem servir de alibi para quem pretende o imobilismo e o aliviar de responsabilidades no actual estado da Universidade.

A irresponsável falta de empenhamento na procura de soluções para estes problemas, tem mergulhado a Universidade num profundo precipício:

Em qualquer dos três pontos, acima referidos, só é possivel encontrar as melhores soluções se nós os alunos tivermos capacidade para denunciar os problemas junto dos orgãos competentes e dos colegas que neles nos representam, a execução das soluções.

João Paulo Saraiva

A CABRA

FICHA TÉCNICA:

Director: José de Albuquerque
Redacção: João F. Saraiva, José de Albuquerque, Rui Cunha, Teresa Gomes.
Colaboradores permanentes: António Nunes, João Garção, J. Enes Rodrigues, Miguel Pedra, Ramiro Oliveira, Tatanka.
Colaboraram neste número: Carlos Ramos, João P. Saraiva, Jorge Patinho, José M. Campos Luís Alcofo-rado, Movimento Cristão para a Paz, Victór
Desenhos: Kakai e Carlos d' Almeida
Reporter Fotográfico: Teresa Gomes
Dep. Gráfico: João Peres, Tery Gomes,
Ed. Electrónica: Carlos Curto, Nuno Branco
Impressão: FIG — Fotocomposição e Indústrias Gráficas
Tiragem: 2 000 Exemplares
Redacção, Administração e Publicidade:
Secção de Jornalismo da AAC
Rua Padre António Vieira nº 1

Apoios:
- Direcção-Geral da A.A.C.
- Instituto da Juventude

A laranja e a rosa

ENTREVISTAS DE

JOÃO FIGUEIREDO SARAIVA

É objectivo deste artigo dar ideia de quem são e o que pretendem dois estudantes que, não por acaso; são este ano candidatos à Presidência da D.G./A.A.C..

Tentámos tanto quanto possível fazer perguntas similares a ambos para que a comparação se tornasse mais fácil.

Cabe a vós julgar.

Ainda aqui, espaço para uma desculpa a Nuno Alves, candidato pela Juventude Centrista, com quem, apesar de todos os nossos esforços não conseguimos contactar. Fica a promessa de num futuro próximo lhe dar a palavra. Bem como ao candidato da Lista E, que à data do fecho da redacção não era ainda conhecido.

Fernando Alberto Rodrigues Alves Guerra mais conhecido por Beto Guerra é este ano candidato à Presidência da Direcção Geral da AAC. O seu trajecto associativo começa logo no liceu, em Setubal onde vive, e onde foi presidente da Associação de Estudantes, uma vez em Coimbra logo se ligou ao movimento Associativo, tanto a nível da Faculdade de Medicina Dentária, onde vai criar a IDESCO, como da Associação Académica. Nesta foi Vice-Presidente da Assembleia Magna em 88 e esteve ligado ao Gabinete de Apoio ao Estudante.

Nesta Direcção Geral é Vice-Presidente do Conselho Fiscal da AAC e tem a seu cargo o Pelouro Pedagógico.

A Cabra - Como é que te defines politicamente?

Beto Guerra - Politicamente sou um social democrata. Sou simpatizante do PSD, mas no plano Associativo para mim é a Académica que conta portanto não estou hipotecado a ninguém, nem a coisa nenhuma, defendo sempre intransigentemente os interesses dos estudantes, lutar...

A Cabra - Seja contra quem for?

Beto Guerra - Seja contra quem for.

A Cabra - Não tens achado as campanhas anteriores um pouco infantilizantes?

Beto Guerra - Penso que o ano passado a lista D tentou afastar-se um pouco dessa perspectiva.

A Cabra - Mas quanto gastaram em reguinhas autocolantes, etc.

Beto Guerra - A isso o tesoureiro é que pode responder. Digamos que a mensagem tem que ser muito séria. A Académica é uma Associação com uma grandeza enorme e há que ter consiência das responsabilidades, agora a mensagem sendo séria, pode ser transmitida duma forma leve, com graça, até com humor porque somos jovens e temos que viver com um certo humor.

Chama-se Paulo José Cunha Martins e é mais conhecido por Paulão. Anda no 4º ano de Biologia, veterano de longa data. Como curriculo podemos referir que foi membro da Assembleia de representantes em 85, membro da DG em 86-87, Tesoureiro da Secção de Fado em 88, Colaborador da DG em 89 no Pelouro Polo II. Actualmente é Vice-Presidente da secção de Fado e candidato a presidente da DG/AAC.

A Cabra - Paulão, como te defines politicamente?

Paulão - Social-Democrata, próximo daquilo que se defende na internacional socialista da qual o PS é o legítimo representante em Portugal.

A Cabra - E o que tem a social democracia a ver com a Académica?

Paulão - Eu não misturo, a única coisa que poderá ter a ver é em termos de consciência política, em termos de educação transmitida através da minha maneira de ser. Poderá ser isso... Já faz nove anos que ando aqui dentro, é uma vivência constante dentro dos meios Académicos, nas Secções, na DG, em tudo o que é Associativismo e nunca misturei, nada a esse nível.

A Cabra - Não achaste as anteriores campanhas um pouco infantilizantes? Já agora, vão distribuir muitas réguas, autocolantes, etc?

Paulão - Não gosto de infantilizante acho um termo um bocado forte. Penso, talvez, que é necessária uma rectificação clara do tema filosofia duma campanha e quando se pretende fazer passar uma mensagem todos esses acepipes são baseados numa escola político-partidária ensinada noutras campanhas, por exemplo para o Parlamento Europeu ou agora recentemente para a Presidência da República.



CARICATURA

KAKAI

A Cabra - Isso é já o lema para a tua campanha?

Beto Guerra - Não, não é o lema, mas é o espírito, pretendo que seja uma campanha extremamente alegre, que se faça passar a nossa palavra porque estamos convictos daquilo que vamos dizer.

A Cabra - E o que é que vão dizer?

Beto Guerra - Isso a seu tempo o verás, digo-te desde já que o grande pilar, entre outros evidentemente e que será ainda mais reforçado, é a pedagogia, os aspectos pedagógicos, o estar constantemente alerta para que não sejamos lesados porque, a pedagogia diz respeito ao dia-a-dia do estudante, é aquilo que ele sente mais, melhoria das condições pedagógicas, estarmos atentos a qualquer situação polémica, a qualquer proposta de Decreto Lei que saia e nos prejudique: Mantermo-nos alerta, ter consiência que a força dos estudantes é imensa, não pode ser desperdiçada, e que quando utilizada geralmente leva as coisas a bom porto.

A Cabra - Ainda dentro do tema da campanha, como vês o caciquismo?

Beto Guerra - O caciquismo tens que perguntar isso a quem faz o caciquismo.

A Cabra - Mas sabes que é dito pelos corredores que quem pratica o caciquismo são as listas partidárias e que todas o fazem -, não o promovem, não o usas?

Beto Guerra - As pessoas são livres de tomar as atitudes que entenderem não é, embora promover...? no sentido depreciativo? Uma coisa dessas não, não estou muito bem a ver.

A Cabra - Mas sabes que existe?

Beto Guerra - Sei, é natural que exista. Existe em todas as eleições e há que não tapar o sol com uma peneira, existe em todas as eleições é uma situação...

A Cabra - Incorrecta, presumo?

Beto Guerra - As pessoas é que o podem dizer...

A Cabra - E que fazes contra isso?

Beto Guerra - Não faço um apelo expresso para que isso aconteça.

A Cabra - Mas não fazes um apelo expresso para que isso não aconteça.

Beto Guerra - As pessoas são livres de tomar essa decisão, penso que aí seria estar a imiscuir-me no pensamento das pessoas.

A Cabra - Os estudantes têm sempre razão?

Beto Guerra - Os estudantes não têm sempre, razão vamos lá a ver! Mas se houver razão, se realmente se entender que os estudantes estão a ser lesados nos seus direitos, a AAC tem que ter um papel fortíssimo nesse aspecto, e seja um indivíduo. Basta um indivíduo ter um problema que nós faremos todos os possíveis para o resolver. Digamos, às vezes as coisas complicam-se quando é um indivíduo só, há situações mais delicadas. mas não o podemos abandonar é um elemento desta associação e nós temos o direito, temos o direito não, temos o dever, de apoiar.

A Cabra - Segunto ponto?

Beto Guerra - Segundo ponto, uma gestão equilibrada da casa, não entrar em loucuras, manter a linha.

A Cabra - Achas que se tem entrado em loucuras?

Beto Guerra - Não se deve entrar, eu não disse que se tinha entrado. Há coisas bem feitas há coisas mal feitas, como em todo o lado. Agora, devemos ser equilibrados, devemos saber as nossas capacidades e até onde podemos ir. Devemos tentar cada vez mais diminuir os gastos, devemos ter um controle mais rigoroso dos nossos serviços. Devemos ter esse controle e foi isso que tem vindo a ser feito já este ano.

A Cabra - Ainda dentro desse tema das relações da DG com as secções, onde é que entram aí os estatutos?

Beto Guerra - Os estatutos estão num processo de revisão, não é.

A Cabra - Achas que o processo de revisão tem sido o melhor? Participado?

Beto Guerra - Tem, eu penso que o Presidente da Assembleia Magna tem chamado pessoas a participar. É evidente que é um processo moroso que não pode ser feito dum dia para o outro têm que se auscultar as diferentes sensibilidades da Academia, é uma área que tem que obrigatoriamente também reunir um consenso de ter um consenso em si própria...

A Cabra - E de ter ideias próprias, que ideias próprias tens tu para os estatutos?

Beto Guerra - Eu não queria imiscuir-me no trabalho do Presidente da Assembleia Magna, isso estamos a trabalhar em equipa. O Presidente da Assembleia Magna está com esse processo. É evidente que eu as minhas ideias eu vou-lhas transmitindo e já foram algumas. Só que ele agora está numa fase de auscultação penso que é prematuro eu estar aqui a avançar. Haverá oportunidade e local próprio para debater essa matéria.

A Cabra- E a Assembleia Magna, existe?!

Beto Guerra - Se a Assembleia Magna existe? É evidente que existe! Agora tu hás-de concordar é que esse é um dos pontos que terá de ser cuidado, porque as formas como isso há-se ser já não somos 2 ou 3 000.

A Cabra - Mas podia-se anunciar e quem quisesse partici-par... os jardins são grandes...

Beto Guerra - Mas isso... depende... está ao critério do Presidente da Assembleia Magna.

A Cabra - Mas porquê esse secretismo?

Beto Guerra - Não se trata de secretismo, não estou aqui a esconder coisa nenhuma, penso que o processo se está a desenvolver eu não sei qual é o documento final. E então é com ele (*Pres. Ass. Magna*) que as coisas devem ser tratadas, é ele



que está a conduzir o processo e eu não me quero imiscuir nesse processo.

A Cabra - Assumes-te como o candidato da continuidade desta DG?

Beto Guerra - O candidato da continuidade... Eu assumo-me como um candidato que pretende manter muitas das coisas positivas que se fizeram este ano, mas que tem ideias próprias, que tem ideias inovadoras

A Cabra - Não queres adiantar algumas?

Beto Guerra - No programa poderás ver. Na altura em que sair esta entrevista no vosso jornal já serão essas ideias do domínio público, agora ainda é prematuro.

A Cabra - Qual é a diferença entre a tua filosofia e a das outras listas?

Beto Guerra - Não sei porque não li ainda. As coisas alteram-se de ano a ano. Eu já vi noutro outro candidato o retomar dum fio que foi utilizado por nós o ano passado.

A Cabra - Concretamente...

Beto Guerra - Falar que o importante é os problemas pedagógicos, o que me dá uma certa graça, quando foi afirmado por essa lista na nossa tomada de possse que pedagogia era demagogia. Quando diz que a associação não deve ser vista como uma empresa. Nós dissemos isso e fizémo-lo na prática. A AAC deixou de ter esse aspecto empresarial, de gestão apenas da casa. Nos voltámo-nos para os estudantes, saímos daqui fomos às faculdades.

A Cabra - Como vêm as relações com as secções?

Beto Guerra - Secções culturais ou desportivas?

A Cabra - Culturais e desportivas. Em relação às desportivas gostaria que me falasses da sua viragem para a alta competição, contratação de jogadores estrangeiros, etc...

Beto Guerra - A realidade é esta. As secções, talvez porque a DG não tem capacidade financeira para as manter, buscam patrocinadores. E se a secção quer ser uma secção se alta competição...

A Cabra - Achas que é esse

Beto Guerra - O caminho em desporto tem que ser visto em dois aspectos. O federado, de alta competição, e o universitário. Nós lançámos bases para que se possa praticar um desporto universitário condigno, que chame os estudantes a fazer desporto. Mas também temos secções que além dessa componente têm a federada, de alta-competição, e se eles arranjam financiamento e se querem andar na alta competição e ter jogadores estrangeiros para poder disputar lugares de topo. Que temos nós com isso?

A Cabra - Mas não achas que o desporto universitário tem sido algo preterido?

Beto Guerra - Tem, mas isso tem que mudar no desporto universitário e não só aqui.

A Cabra - Mas como é que vocês podem mudar isso sem pressionar as secções?

Beto Guerra - Penso que aí não se trata duma questão de pressão. Trata-se de uma questão de arranjar condições para que se efective realmente o desporto universitário.

A Cabra - Isso passa por quê?

Beto Guerra - Isto não é um mal da AAC. Tem sido um mal do país, o desporto universitário. Há uma FADU, que nós temos umas certas reticências quanto à forma como nasceu mas uma vez que está a funcionar é dever dela fazer a estruturação do Desporto Universitário, e nós aqui estamos a fazer o nosso papel dentro dessa estratégia global. Disponibilizar espaços a horas decentes, porque não é compreensível que os torneios universitários continuem às 2 horas da manhã como era hábito. Disponibilizar espaços que possibilitem ao estudante ir, e participar, e jogar, e ter um convívio, e libertar as tensões. O desporto é isso tudo e nós temo-lo feito. Lançámos as bases este ano para que isso possa acontecer, o Pelouro do Desporto hoje está extraordinariamente vocacionado para o desporto universitário e está à busca desses caminhos e a implementá-los.

A Cabra - Universidade de Coimbra, como vai?

Beto Guerra - Eu espero que a viragem para este oitavo século traga uma renovação de mentalidades. Não podemos colher os louros do passado indefinidamente não podemos nunca ter um espírito tradicionalista, acomodado. A Universidade de Coimbra em muitos aspectos está doente mas tem que mudar.

A Cabra - Está doente de quê?

Beto Guerra - Está doente no aspecto pedagógico, por exemplo. Grande número do corpo docente ainda não percebeu que há que ter profundas reformas pedagógicas nas cadeiras que leccionam.

A Cabra - E é possível fazê-las?

Beto Guerra - Nós temo-lo feito, e estamos a desenvolver esse trabalho. Os estudantes têm estado na 1ª linha disso. E as coisas vêm-se alterando, é evidente que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas a perseverança, a atitude irrequieta e irreverente, atenta, que tem que caracterizar o estudante e que tem sido posta em prática. Penso eu, que é a melhor contribuição que podemos dar a uma universidade que não se quer um museu mas sim uma Universidade de vanguarda.

A Cabra - Mas não terá a DG nos problemas pedagógicos deste ano ido um bocado a "reboque" dos estudantes?

Beto Guerra - De forma alguma. A DG desempenhou o papel que tem que desempenhar, esteve ao lado dos estudantes. Não vai a reboque representa os estudantes.

A Cabra - Mas não podia ter sido a DG a levantar esses problemas evitando os confrontos?

Beto Guerra - E levantou alguns, o caso de Letras e da FCTUC, o caso de Engenharia Civil, que tinha sido preterido pela anterior DG. Pelo seu presidente, que era de civil e que afirmou "que não me comprometessem".

E foi, e esteve nas Químicas e está na Electrotécnica e esteve nas Matemáticas e com a Medicina Dentária . Estar a acusar a Associação de andar a reboque, isso é extraordinariamente injusto. A DG esteve lado-a-lado, esteve solidária nos problemas empenhou-se a fundo na sua resolução. Penso que está perfeitamente esclarecido este ponto.

(...) reinvindicar quando for caso disso com convicção e veemência.

A Cabra - Três linhas de força para a AAC, quais os três grandes pontos do vosso programa.

Beto Guerra - Bem, três grandes pontos, reinvindicar quando for caso disso com convicção e veemência.

A Cabra - E quando é que é caso disso?

Beto Guerra - Quando os estudantes se sentem lesados.

A Cabra - E achas que essa é a melhor maneira de transmitir uma mensagem?

Paulão - Repara uma coisa, eu penso que poderá ter força, que uma quantidade de pessoas poderá ser, quanto mais não seja, influenciada por uma questão de número ou de qualidade das peças.

A Cabra - Ou por se mostrar que se tem mais dinheiro?

Paulão - Por exemplo. Mas também te digo que este ano em termos de lista C vai ser completamente diferente. Tudo o que iremos dar aos estudantes terá sempre um objectivo. Ou é material didáctico, e será uma prenda, não digo réguas, isso em princípio não, mas uma pasta, uma esferográfica identificativa da lista. Ou então as mensagens, o próprio programa. Penso que isto é fundamental.

A Cabra - Ainda dentro do tema da campanha, como vês tu o caciquismo?

Paulão - Penso que é uma maneira barata e pouco consistente de trazer colegas a votar. Dá-me ideia que não dá resultado.

A Cabra - Não dá resultado?! Há muita gente que afirma que é assim que se ganham eleições.

Paulão - Não acredito nisso. As pessoas são cacicadas, se esse é o termo, e são trazidas a votar, não vou dizer de uma forma coerciva, mas são convencidas a votar e dá-me ideia que do trajecto de sua casa, da sua aula, à AAC sofrem uma certa pressão. Mas dá-me ideia que não funciona e que muitas vezes funciona ao contrário. Parece-me que a grande vantagem é desmoralizar a lista adversária. Se estás numa sala de escrutíneo e aparecem 30 pessoas para votar na mesma lista, e que talvez viessem votar de per si, separadamente, penso que desmoraliza um bocado.

A Cabra - Grandes linhas de força para a AAC?

Paulão - Bem, vou abrir aqui um bocadinho o jogo. A AAC vai ter que deixar de uma vez por todas o papel empresarial. De se assumir como uma empresa em relação à prestação de serviços. Eu, vejo a AAC como um parceiro social nas áreas da cultura e do desporto com uma intervenção política determinada.

A Cabra - Onde é que tu vês esse espírito empresarial?

Paulão - Vejo através da experiência que tenho tanto a nível das secções, como da DG em que as pessoas passam metade do tempo a tentar arranjar dinheiro para as suas actividades.

A Cabra - Mas o dinheiro é necessário.

Paulão - É claro que o dinheiro é necessário quanto mais não seja para manter um suporte logistico. Agora não pode é tomar todo o tempo de uma direcção geral que se pretende virada para outras questões nomeadamente a intervenção política, intervenção política que não deve ser circunstancial, ao sabor das movimentações nas Faculdades, deve sim, haver uma constância no movimento político.

A Cabra - Quanto aos estatutos em si, que ideias em concreto?



Paulão - Penso que, fundamentalmente devem considerar a existência dum órgão colegial eleito. O grau de representatividade é já uma matéria a discutir na especialidade e que só depende de nós. Penso que fundamentalmente vão ter que consagrar de uma vez por todas a existência de núcleos, núcleos de faculdade...

A Cabra - Mas esses núcleos já existem?

Paulão - Não existem duma forma institucional, partem da Direcção Geral e são um bocado injectados nas Faculdades penso que terá que ser de outra maneira, penso que vão ter que ser eleitas pessoas para esses núcleos e que a DG vai ter que ter uma pessoa que faça a ponte entre si e esses núcleos, obviamente que não é a DG que tem a capacidade de dizer que houve um sala de aulas que caiu e que o Conselho Directivo é que tem a culpa e tal. Não podemos entrar nessas questões, eu penso que o papel da DG tem que ser muito mais abrangente, tem que se centrar fundamentalmente na burocracia, nos serviços sociais, nas universidades privadas. Coisas que ao fim e ao cabo afectam todos os estudantes e é evidente que tudo o que seja à escala regional ou nacional a DG tem obrigação de tutelar, chamar a si a responsabilidade. Tudo o que sejam temas internos das faculdades, problemas mínimos mas que têm que ser tratados pelas comissões de curso. Aí, penso que poderia ser competência desses tais núcleos.

A Cabra - Não achas que esse tais núcleos existem já nas Associações de Estudantes e nas Comissões de Curso?

Paulão - Não, acho que não.. Repara A.E. só há uma que é a Associação Académica está consagrada nos estatutos da universidade é a única legítima representante dos estudantes. Só que as pessoas notam, ninguém é omnipresente, ninguém pode estar aqui e com um olho na faculdade para saber o que se está a passar e muitas vezes a DG não está, falha, e é chamada para isso.

A Cabra - Achas que a DG tem ido a reboque nos casos que se têm passado este ano?

Paulão - Acho que sim. Repara em tudo o que se passou, por exemplo, na Faculdade de Direito.

Eu acho que esta Direcção Geral não trouxe grande coisa de novo à Associação Académica. Tudo o que foi feito foi um bocado salvo por problemas que são circunstanciais e emanações duma política pouco coerente do governo em termos de Ministério da Educação. A DG aparece e começa a salvar um bocado a imagem. Através, talvez, da dinâmica do seu Presidente. Uma pessoa que tem a minha escola associativa por exemplo e que tem uma experiência em palco que lhe garante um certo à vontade e lhe consegue granjear uma certa popularidade. São movimentos que nasceram da parte dos estudantes das faculdades onde há pessoas claramente independentes, onde há movimentos independentes, em Direito, os casos das listas Z e da lista T. Penso que a Direcção Geral não tem o direito de reclamar esses movimentos para si.

A Cabra - Como vês a política nacional educação.

Paulão - Universidades privadas mal, obviamente, sistema de atribuição de bolsas, capitações, mal. Resultado da má dinâmica do CASES que é um orgão feito à imagem do próprio Ministério da Educação. É um órgão consultivo mas permite-se-lhe ter a liberdade política para aplicar portarias, decretos-lei, dimanações do governo. Neste momento, face ao ensino privado que temos, não concebo a atribuição de bolsas a estudantes das universidades privadas. Não quero meter no mesmo saco a Universidade Católica, tem outra tradição. Desenvolve os seus sistemas de acção social escolar próprios, é diferente.

Mas voltando ao sistema de ensino a nível nacional, esta questão de Letras. Dá-me a ideia de que há uma certa indefinição daquilo que se pretende, neste momento tu tens uma certa discricionaridade de curso para curso, há cursos que têm problemas mas as pessoas nunca vão ao fundo.

Os casos de Ciências, neste momento em termos de saídas profissionais o que é que é garantido? De maneira que as pessoas vivem aqui um bocado, nesta mole imensa, sem saber muito bem com o que é que contam, como se devem mexer. Digo-te desde já que para um estudante fazer uma pressão em termos de ramo de curso em penso que não é assim tão fácil, é preciso ter bem a consciência daquilo que se passa, do que vão encontrar. Neste momento era necessário uma certa informação a nível de DG, isso exige um grande de contacto com as comissões de curso, um grande contacto com os estudantes.

A Cabra - E pensas que esse contacto não tem existido?

- Paulão - Posso-te dizer que a DG deste ano não conseguiu ainda fazer passar o artigo 21º que regulamenta os direitos e os deveres dos estudantes. Penso que, aí sim, seria a grande vitória! A partir daí, já que há um regulamento poderiamos ter as grandes conquistas. As pessoas sabiam perfeitamente o direito que tinham.

E tentar consagrar os problemas pedagógicos saber a margem de chumbos, como aconteceu agora em Electrotecnia, criar uma comissão de inquérito.

Penso que são questões que podem figurar nos estatutos da Universidade, mas penso que também podem ser emanações do próprio Ministério da Educação ou seja não uma preocupação em termos de funcionalidade, de dinheiro, que também é necessário, obviamente, desde logo para a contratação de novos assistentes. Mas é também necessário preocuparmo-nos um bocado e os problemas pedagógicos. Posso dizer que a DG levou a cabo o congresso do ramo educacional e as jornadas pedagógicas, no mesmo dia! Dá-me a ideia que também o fez só para cumprir calendário.

> (...) não vou ser como o Emídio Guerreiro e dizer que não tenho ideias para os estatutos

A Cabra - Mas a DG lançou agora novos horários de utilização do Estádio Universitário.

Paulão - Bem isso também eu podia ir para o Choupal. Eu falo de prática desportiva organizada. Dá-me a ideia que a Direcção-Geral tem feito uma guerra velada à pessoa de Coimbra que legitimava a AAC na FADU e que era do projecto C.

Penso que neste momento a DG deiva ter a frontalidade e a coragem de ir ter com as secções e exercer uma certa sindicância. Exigir-lhes clareza em termo de política financeira e de política desportiva. Eu estou disposto a cumprir isso, e fica desde já como um aviso, caso ganhe as eleições estou estou pronto a assumir uma relação formal com as secções, nomeadamente, aquelas que são profissionalizadas ou semi-profissionalizadas e exigir participação da DG na sua gestão.

A Cabra - Que entendes por participação da DG?

Paulão - Atenção, não defendo uma ingereência defendo tão só que as secções como são tuteladas pela direcção geral não façam as coisas duma forma ad libitum. As pessoas sabem todas que há neste momento nas secções mecanismos de angariação de fundos e de patrocinios que são pouco claros, há fugas ao fisco, há passagem de recibos. E quem nos diz que de um dia para o outro o fisco não vem cá? E quem tem personalidade jurídica é a direcção Geral, isto é grave, evidentemente.

A Cabra - Então concordas com a relação tutelar DG - Secções consagrada nos estatutos? Que não se efectua mas está lá.

Paulão - Penso que é tudo uma questão estatutária. Os estatutos são o espelho onde todas as pessoas desta casa se revêm.

A Cabra - Mas não funcionam e ninguém os conhece.

Paulão - Exactamente por isso. As coisas funcionam cada um de per si e obviamente há vários atropelos. Não há aqui uma política desportiva e cultural coerente. Mesmo em termos financeiros vemos que o próprio Conselho Fiscal não funciona. Isto é grave, eu penso que o grande objectivo, a grande conquista que se pode atingir com a revisão dos estatutos, será tão só a credibilidade da AAC para o exterior penso que enquanto isso não for conseguido a AAC continuará com aquela imagem de que é tudo uma balda, vai-se pedir um subsídio e dizem-nos que acaba de sair dali outra secção.

A Cabra - E que ideias avanças para os estatutos?

Paulão - Bem, não vou ser como o Emídio Guerreiro e dizer que não tenho ideias para os estatutos. Penso que a revisão dos estatutos é um acto fundamental para a vida académica. E é nesta campanha eleitoral um desafio que eu lanço às outras listas para que seja qual for a lista vencedora não se aproprie politicamente dos estatutos e reuna com as outras listas para em conjunto decidirem dessa revisão. Repara, à face dos termos formais dos estatutos é consagrada uma participação em termos de votação inexiquível. Os estatutos deviam ser um espaço que permitissem uma dinâmica mais coerente da DG, que permitisse a participação das pessoas. Nota que estes estatutos são de 1982 e foram feitos com um sentido político que era, tão só, evitar que as organizações afectas à UEC, às juventudes comunistas, não tivessem hipótese de participar e influenciar as decisões da Direcção Geral. Era um poder, uma mobilização que tinham no momento e já não têm agora. Na altura a DG, afecta à JSD, achou por bem fazer assim. Só que, neste momento temos pessoas que concorrem, têm a sua votação e acho que deve ser-lhe dada todos os anos uma qualquer forma de representação a nível da DG. Nem que seja de uma forma colegial. Posso-te dizer que defendo uma espécie de Senado Académico.

QUEIMA VAI SER DEVOLVIDA AOS ESTUDANTES

Este ano a Queima das fitas vai ser diferente. Depois do ano passado de todos os problemas, a mudança tomou como dimensão a própria sobrevivência da maior festa estudantil da europa. "A Cabra" procurou saber o que mudou e o que vai ser a "Queima das Fitas" de 1991, que terá lugar entre os dias 3 e 9 de Maio.

A Comissão Organizadora da Queima das Fitas é, como o nome indica, a entidade responsável pela organização da Queima das Fitas. Mas é, sobretudo, o sinal mais evidente de uma profunda alteração da sua estrutura organizativa.

Com a intenção de pôr cobro à desorganização que vinha grassando no seio da festa estudantil, e que tomou proporções de uma certa gravidade na Queima de 1990, o Conselho de Veteranos elaborou um novo regulamento pelo qual a Queima das Fitas se passa a reger. Redigido por três destacadas figuras do Conselho de Veteranos - Pedro Cabral, João Cunha e Tó Zé Monteiro, o regulamento foi aprovado na generalidade no mês de Maio e viu-se desde logo envolto nalguma polémica. Demasiado ambicioso para alguns, impossível de concretizar para outros, o novo regulamento passa agora, com a aplicação prática, pela sua prova de fogo.

A criação das figuras da Comissão Fiscalizadora e do Secretário Geral constitui só por si uma alteração de vulto na estrutura organizativa da Queima das Fitas. Presidida pelo Dux Veteranorum, Pedro Cabral, a Comissão Fiscalizadora pretende ser o garante de transparência de toda a organização. A António Oliveira (Tózinho) cabe desempenhar o papel de Secretário Geral, o qual tem sob a sua responsabilidade a coordenação dos quatro secretariados (Logística, Protocolo, Publicidade e Administrativo e Fiscal) que prestam apoio directo à Comissão Central.

À Comissão Central cabe a administração propriamente dita da festa dos estudantes, processo no qual é auxiliada pelas restantes figuras da Comissão organizadora.

Também a Comissão Central sofreu algumas alterações na sua estrutura orgânica. Assim, nomeadamente no processo de eleição dos representantes das Faculdades para a Comissão, optou-se este ano pela escolha, para além do tradicional representante, de mais dois elementos de cada Faculdade, que o acompanhariam na Comissão Central. Assim seria se os candidatos aos lugares não fossem inferiores a estes, como efectivamente veio a acontecer. Assim, em vez dos 21 elementos previstos pelo regulamento, a Comissão Central é constituída por 15: três de Direito, Farmácia, Letras e Economia, e um de Medicina, Psicologia e Ciências.

A Comissão Central está, como é habitual, dividida em tantos pelouros quantas as Faculdades. Inédito da Queima das Fitas é, no entanto, o facto de o seu Presidente não ser, como é tradicional, o representante da Faculdade da Medicina, cabendo esse cargo ao representante da Faculdade de Ciências e Tecnologia, José Grilo, para o qual foi escolhido pelos seus colegas, como seria de esperar, alguma contestação por parte dos estudantes de Medicina, tendo, no entanto, sido ultrapassada essa polémica. A José Grilo caberá o papel da Coordenação.

Devolver a festa aos estudantes

No que diz respeito ao Programa da Queima das Fitas de 1991, pode dizer-se que sofreu à partida de fortes condicionalismos económicos, fruto da situação deficitária que herdou do ano anterior. Questões levantadas pela tão falada descaracterização da Queima determinaram igualmente uma nova concepção programática, que se irá certamente refletir directamente no resultado final.

Devolver a festa aos estudantes é a grande máxima da Queima deste ano. Pedro Cabral considera mesmo ter havido em anos anteriores um *aproveitamento da Queima das Fitas* para servir interesses que não eram os dos estudantes e que resultaram na *desvirtualização da festa*. Como manifestação da Praxe que é, a Queima das Fitas representa, para o Dux Veteranorum, a festa em que os estudantes da Universidade de Coimbra comemoram o final do ano lectivo. É assim uma festa de estudantes para estudantes, que por sua vez é oferecida à população conimbricense. Com o trabalho de base desenvolvido este ano, nomeadamente com a entrada em vigor do novo regulamento, a *Queima vai sair dignificada*. Para Pedro Cabral é importante *cativar mais os estudantes*, o que em parte vai ser conseguido através de uma melhor informação sobre a Praxe, a qual será concretizada através de folhetos que irão sendo afixados pelo Conselho de Veteranos já a partir do Carnaval, e através do desconto de 30% que os estudantes irão beneficiar no preço dos bilhetes das realizações da Queima com entrada paga.



Noites do Parque - dois programas diferentes em cada noite

Prato forte do programa da Queima das Fitas é sempre o das Noites do Parque. Este ano não vai fugir à regra. Miguel Narciso, representante da Faculdade de Farmácia e responsável por este pelouro, revelou a A Cabra como vão ser este ano as Noites do Parque. A maior novidade será, talvez, o facto de, em cada noite, haver dois programas musicais distintos, que contemplarão dois tipos de espectáculos e de público. Está previsto que um primeiro espectáculo decorra entre as 22 30 e as 0 00h, com grupos de música popular portuguesa, procurando ocupar um espaço de tempo tradicionalmente morto, e, ao mesmo tempo cativar novos públicos. A partir das 0. 00h, e pela noite dentro, actuará um grupo de grande projecção nacional. Condicionalismos económicos inviabilizam a contratação de grupos estrangeiros - *este ano não vamos entrar em loucuras*, afirma José Grilo, Presidente da Comissão Central. A única participação estrangeira prevista é a de algumas Tunas Universitárias espanholas, que se encarregarão de animar o Parque antes da actuação do grupo principal. Miguel Narciso admite que possa haver a necessidade de montar dois palcos para os espectáculos e que o recinto do Parque possa ser aumentado para o lado do parque de estacionamento. As tradicionais barracas de comes e bebes e os jogos de matraquilhos ajudarão à festa. De realçar também, é o facto de este ano todos os espectáculos serem produzidos pela Comissão Central, rompendo-se assim os laços com as Produções Única, que tanta polémica levantaram.

No plano desportivo, cujo responsável é o representante de Medicina, Lourenço Coelho, as principais novidades residem na realização de um colóquio sobre Medicina Desportiva, que contará com a participação de conceituados especialistas, e de uma exposição do espólio histórico, documental e fotográfico, da centenária Associação Académica de Coimbra. As tradicionais manifestações desportivas manter-se-ão em moldes semelhates as das anteriores edições.

Bailes - prometem-se grandes novidades

António Vigário, representante da Faculdade de Direito e responsável pela organização do Baile de Gala, do Chá Dançante, da Ceia dos Boémios e da Madrugada das Faculdades, prometeu grandes novidades, escusando-se, no entanto, a adiantar pormenores. Referiu apenas que tudo se encaminha para que o Baile de Gala e o Chá Dançante se realizem, como é habitual, na Escola Secundária José Falcão, e que este último será integralmente animado por música ao vivo.

Os espectáculos de Teatro, Cinema, Bailado e Opera, entre outros, assim como Sarau, a Verbena, a Récita dos Quintanistas, a Missa e a Benção das Pastas, são da responsabilidade de Catarina Freitas, representante da Faculdade de Psicologia. O Programa deste pelouro encontra-se ainda *no segredo dos Deuses*, não tendo sido revelado qualquer pormenor sobre o seu conteúdo. Pedro Cabral realçou, em relação à Serenata, que se vai tentar *acabar com a bandalheira* que se tem verificado nos últimos anos, referindo-se, naturalmente, à pose que tem sido adoptada pela público durante o espectáculo.

Participação dos Institutos no Cortejo - decisão adiada

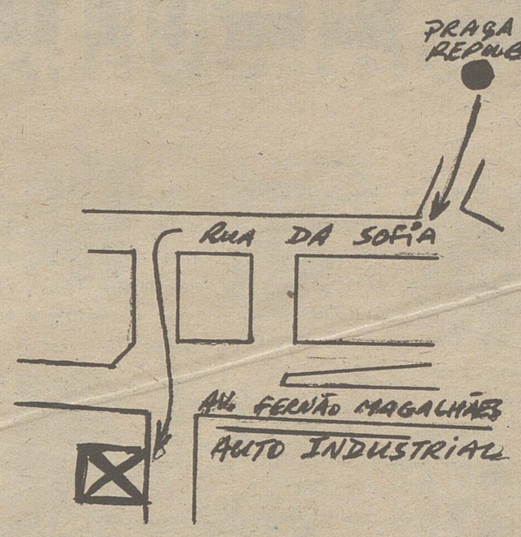
No Cortejo dos Quartanistas e na garraiada não se prevêm grandes novidades. Carlos Beirão, o representante de Letras responsáveis por este pelouro, disse a A Cabra que se irão manter nos seus moldes tradicionais. Tradicional é também o protesto do Grupo Ecológico da A.A.C. contra a realização da garraiada, o qual não vai, segundo Carlos Bairão, desviar a Comissão Central da sua intenção de levar a cabo essa realização. Questão igualmente polémica é aquela que diz respeito à participação de carros dos Institutos Superiores no Cortejo, a qual tem tomado proporções de menor ou maior gravidade em anos anteriores. Remetidos pela Comissão Central para o Conselho de Veteranos para discutir esta matéria, indagámos junto do Dux Veteranorum sobre a participação ou não dos Institutos no Cortejo deste ano. Pedro Cabral referiu que essa decisão será tomada até à Páscoa, estando, no entanto, já assegurada a participação da Escola Superior Agrária como escola convidada, tendo sido para o efeito celebrado um protocolo entre esta Escola Superior e o Conselho de Veteranos.

RUI F. DA CUNHA

DIMENSÃO

DISCOTECA

JUNTO À AUTO-INDUSTRIAL



SÉTIMA

NO SEU CARNAVAL

RECADO DE LETRAS



Eça de Queiroz referiu-se certo dia num texto que ficou célebre, no já longínquo ano de 1872, ao estado da instrução pública em Portugal, pedindo a atenção do Governo da altura para o que denominou de "grande desastre da Civilização". O autor de "Os Maias" fazia alusão ao deficiente aproveitamento escolar dos alunos, à falta de escolas e de inspecção e à situação do professor, considerando este como "o homem no País mais humildemente desgraçado, e mais cruelmente desatendido", mercê do seu salário de 120$000 réis por ano.

Vem esta evocação a propósito do recente projecto de estágio que o Ministério da Educação pretendia impor aos recém-licenciados que desejem enveredar por uma carreira no Ensino. Considerando a provinciana e medíocre gestão que os poderes públicos têm feito do potencial humano mais directamente vocacionado para actuar ao nível das Letras e das Humanidades, parecenos óbvio que esse projecto tocava de forma esmagadora os alunos da Faculdade de Letras. Sendo altamente lesivo dos seus interesses, pelas omissões e perturbantes directrizes que o enformavam, foi por estes imediatamente contestado. A acção de várias centenas de estudantes, bem como dos seus órgãos representativos, teve como resultado o momentâneo "congelamento" do projecto.

Este episódio, bem como outros, que nesse campo com ele estão relacionados, é afinal, em nosso entender, reflexo da forma como o ensino é pensado e organizado em Portugal: um ensino que copia mal e sem talento a sociedade de consumo americana (não a culta e humanista que Jorge de Sena entre nós tão bem deu a conhecer), os tiques pretensiosos duma França em muitos aspectos decadente e complicativa, a rigidez habitual que aos germanos se costuma associar. Geralmente estratificado e repetitivo, salvo honrosas excepções, não chama o interesse do aluno para a imaginação, quanto mais para a investigação. Em nossa opinião, se os pressupostos filosóficos ténues e apenas formais desse ensino não se revestirem duma *douta qualidade* (que nada tem a ver com doutorice, sendo mesmo o seu contrário) nada se conseguirá mudar e tudo será apenas folclore: a sociedade portuguesa continuará, nos seus pontos nevrálgicos, simultaneamente mais inculta e confusa, não se virando já sequer para um simples saber técnico mas sim para a simulação de um saber mecânico. Importa pois que o Ensino seja digno daqueles a quem se dirige. O sonho implica o apego a uma realidade de qualidade, não o esqueçamos.

Miguel de Unamuno, em Carta a Manuel Laranjeira, chamou a Portugal um *país de suicídas*. Por outro lado, Robert Demonceaux era da opinião que, em todo o caso, aos portugueses de qualidade continuavam sempre abertas três vias: a vida resignada e medíocre, a emigração ou a corda numa trave ...Talvez de algum desvão, parafraseando José Régio. Há ainda os que, não se entendendo com esta trilogia, procuram lutar, buscando um quotidiano de qualidade. Impõe-se aqui a referência a um curso de pós-graduação criado precisamente na Faculdade de Letras (pelo Grupo de História), em colaboração com o Centro de Estudos e Formação Autárquica e a Associação Nacional de Municípios, com o objectivo de preparar especialistas com competência técnica no domínio da preservação e utilização social do património histórico-cultural. Urge, pois, que nos interessemos efectivamente por uma existência de qualidade, menos abjecta e mais profunda, afirmando-nos como interventores na consciência da Nação e dizendo ao Poder - ao Poder português que é muito pouco culto e tem cariz claramente tecnocrático - que o Ensino não pode estar subalternizado, movendo-se num teatro de sombras piedosamente gerido pela incompetência ou pelo cinismo puro e simples.

O projecto foi "congelado", é verdade. Mas a cobra espreita por entre as ervas, não o esqueçamos. É necessário que não nos contentemos com os nossos 120$000 réis, antes lancemos reptos às fórmulas caducas, às faltas de dignidade e a quaisquer tipos de modas, pois estas são, como dizia Montherlant, "um pouco de mau gosto, um pouco de convencionalismo e um pouco de canalhice bem misturados".

Enquanto isso, a Faculdade - a Universidade! - passa. Como diz Nicolau Saião, "ensaguentada, dorida, mas passa - em direcção aos tempos a vir. Quanto aos sarrafaçais, envergam as suas vestimentas de papelão...".

João Garção

Departamento de Engenharia Electrótecnica encerrou para balanço

14/11/90 - 15 horas: Reunião de alunos do D.E.E. integrada nas IV Jornadas Pedagógicas, onde foram discutidos problemas do departamento e foi eleita uma Comissão de Alunos com a finalidade de fazer o levantamento dos problemas do D.E.E. e apresentar relatórios.

28/11/90 - 15 horas: RGA onde foi apresentado e votado um relatório sobre o Insucesso Escolar do D.E.E., nomeadamente em três cadeiras que apresentavam indíces de insucesso na ordem dos 90 a 100%; relatório este que foi entregue ao Presidente da D.E.E., a quem foi dado o prazo máximo de 10 de Dezembro para resolução dos problemas.

10/12/90 - 17 horas: R.G.A. onde foi deliberado encerrar o D.E.E. no dia seguinte, terça-feira 11 de Dezembro.

11/12/90 - 7 horas 30: é encerrado o D.E.E., pregando todas as portas.
11 horas: Reunião com o Presidente o Conselho do D.E.E. onde este se compromete a demitir-se caso não apresente soluções para os problemas que constam no relatório, até ao dia 11 de Janeiro de 1991.

8/1/91 - 17 horas: A Comissão é informada por escrito das propostas do Conselho do D.E.E.

15/1/91 - Reunião com o Presidente do Conselho do D.E.E. onde são retocados pormenores da proposta e se define a realização de eleições para dois representantes dos alunos no Conselho Pedagógico.

24/1/91 - R.G.A. onde se consideram positivas as propostas do D.E.E. e se calendariza o processo eleitoral para os representantes no Conselho Pedagógico.

J.P.S.

Vem comprar na A.A.C...

Papelaria
Fotocopiadora
Livraria
Material Desportivo
Campismo e Turismo
Bar

... Para te servir melhor.

SÉCRISTIA BAR

O LOCAL DOS SEUS MOMENTOS DE LAZER

DAS 10 ÁS 2 HORAS DA MANHÃ

LARGO DA SÉ VELHA

Participa

Secção de JORNALISMO

Horário de expediente
das 18 às 20H.

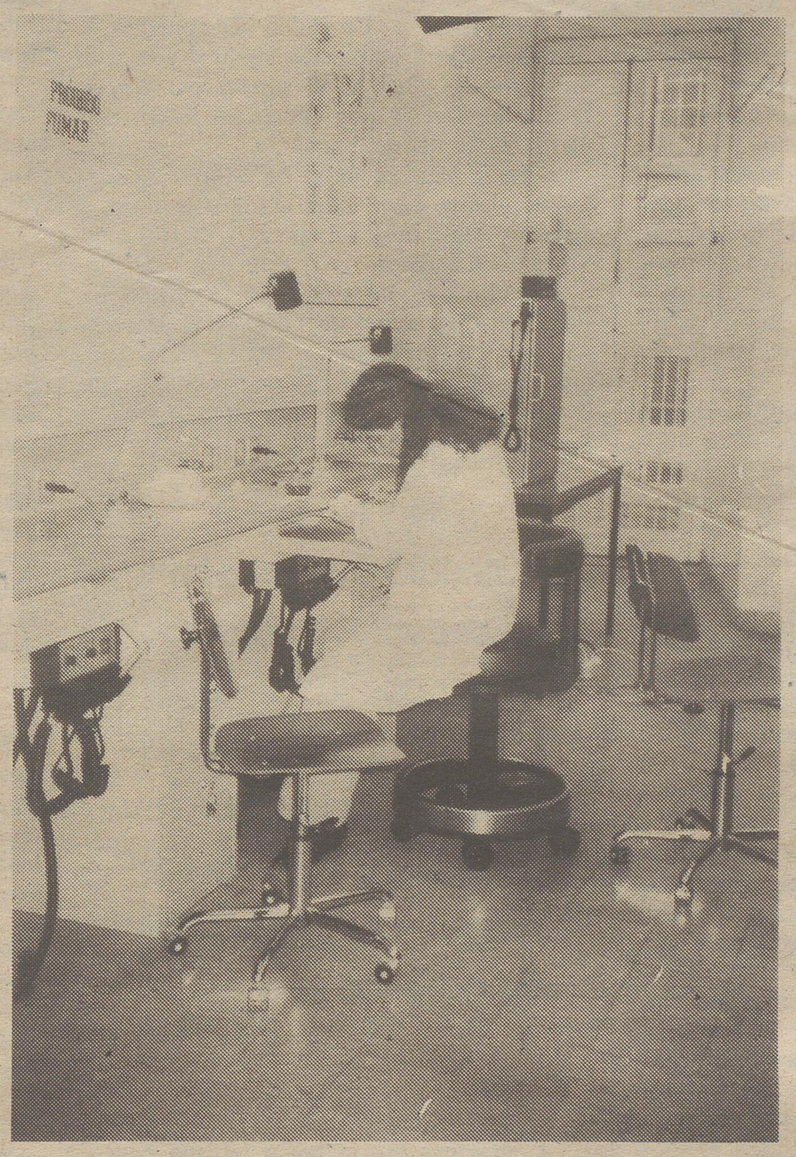
MEDICINA DENTÁRIA

Erros do presente. Aguardamos mais.

A Medicina Dentária em Portugal, continua a atravessar um período de profundas alterações que têm a ver com os problemas relacionados com os seus conceitos, com a sua aprendizagem e com o seu exercicío. Podemos tentar fazer o ponto de alguns problemas. Comecemos pelo seu conceito.

A Saúde Oral é parte integral da saúde geral e como tal é um componente essencial do bem estar do indivíduo. Este é um conceito que se integra entre outros, dentro dos parâmetros da Organização Mundial de Saúde (OMS) e da Comissão de Formação de Medicina Dentária da CEE que é composta por representantes do Ministério da Educação, da Saúde e organizações profissionais de cada país. Nada a opôr. É que concordar com o que atrás foi escrito todos concordamos, afinal quando nos doi por exemplo um dente, lembramo-nos que o "bem estar fisíco, psiquíco e social" está afectada, e como tal é indissociável a Medicina Dentária do conceito de Saúde.

Mas pasme-se na atitude dissociável das nossas autoridades componentes. Resolvem criar três escolas de Medicina Dentária no país (Lisboa, Porto e Coimbra) estando a licenciatura em Coimbra, inserida na F.M.U.C. Defendiam então que a Saúde Oral portuguesa necessitava de médicos habilitados com curso superior especializado. Pensavam os alunos de Medicina Dentária que aderiram a esta área da Medicina, que aderiam a um projecto nacional de saúde prestigiado. Contudo com o tempo nós, alunos, os nossos professores e todos aqueles que demonstrando sinceridade de intenções e desejo de colaborar na elaboração dum projecto adequado e possível para o nosso país no campo da saúde Oral, vimos entre outras coisas, num ápice serem legalizados indivíduos que por falta de formação médica exercem ilegalmente Medicina Dentária e vimos serem legalizados Institutos de Ciências Dentárias através do decreto 250/89, cuja falta de oportunidade irá de certo dar os seus frutos amargos num futuro próximo.



No primeiro caso o despacho de 1/90 de 23/01/90 do gabinete da Srª Ex. Ministra da Saúde, transpirava a incoerência. As directivas da CEE apontam claramente "para a exigência de habilitações de nível superior como condições do exercício do direito de estabelecimento e da livre prestação de serviços" e lembram que deve ser constante o "combate à actividade de simples práticos sem adequada formação". A Srª Ex Ministra face a isto, propunha a abolição completa de critérios válidos, na avaliação das capacidades profissionais dos práticos de Odontologia, defendendo a inconstitucionalização dum decreto de 14/02/77 da então Secretaria de Estado da Saúde, decreto este que possibilita aos Odontologistas da altura a sua inserição num curso de reciclagem de maneira a legalizarem a sua situação profissional e provarem os seus conhecimentos médicos.

Dizia a Srª Ex. Ministra da Saúde que o curso na altura foi dirigido apenas aos indivíduos inscritos no Sindicato Nacional de Odontologistas ou com processo nele pendente, o que se traduziria por uma violação dos princípios da igualdade, da liberdade de associação sindical e do direito de acesso à profissão. Contudo os pretensos vicíos de inconstitucionalidade defendidos, são totalmente destituídos de fundamento, atendendo a que às inscrições registadas para o curso de reciclagem, não se limitaram unicamente às condições previstas no Despacho de 77, por iniciativa do próprio Ministro dos Assuntos Sociais.

A mensagem a reter é simples, incompetentes em Portugal sim, na CEE não! Afinal até há coerência, pois com medidas como esta Portugal vai ficando no lugar em que está (e que merece?), a cauda da Europa. Neste momento a batata quente foi passada ao procurador Geral da República pelo actual Ministro da Saúde, esperando um parecer seu.

Nós aguardamos; aguardamos a suspensão do despacho de 23/01/90, pois pensamos que o bom senso e a razão virão ao de cima.

O segundo caso continuou a ser analisado com base na incoerência. Senão, vejamos. As principais doenças orais são evitadas mediante a aplicação de medidas profilácticas. É universalmente aceite que o conceito de prevenção da doença prevalece sobre o tratamento, que o mero crescimento quantitativo dos tratamentos orais não melhora proporcionalmente o nível da saúde oral, que num país de recursos limitados - como Portugal - a prevenção constitui a forma mais adequada de encarar as doenças orais. Pois é, contudo em Portugal a política de saúde a seguir é simples: sobretratamento em prejuízo de atitudes profilácticas. Pôs-se a questão - E como conseguir esse sobretratamento? Eureka, pensaram os homens que mandam na Saúde; basta priveligiar a formação altamente dispendiosa e maciça de dentistas, até porque assim faz-se face a uma necessidade de curto prazo, já que por estudos da O.M.S. se demonstrou que as actuais 3 Escolas de Medicina Dentária têm capacidade para fazer face ao aumento da procura de cuidados de saúde oral, dentro da próxima década. Nega-se assim a prevenção e a formação da saúde a favor de atitudes terapeuticas, o que levará a que os mais desprotegidos e mais carentes de cuidados médicos, continuem a sê-lo no futuro.

Mas o decreto-lei nº 250/89 de 8 de Agosto, que concede a autorização para o funcionamento dos ISCD de Lisboa e do Porto, admitindo no conjunto cerca de 300 alunos/ano (o dobro das 3 escolas estatais). Não é incoerente só pelo que atrás ficou escrito. Diz-se que ele surgiu com base nas conclusões de um "demorado e minucioso processo de análise". Diz o decreto que "Torna-se improvável que desde o início da autorização para o seu funcionamento, aqueles estabelecimentos disponham de todo o pessoal, equipamentos e instalações que só virá a ser necessário 5 ou 6 anos mais tarde". Prevê ainda o decreto "a fixação de um período de 3 anos para a instalação definitiva dos 2 institutos agora criados e autorizados a funcionar. Este período corresponde ao ciclo básico, isto é, em que ainda não são leccionadas as matérias da especialidade" e continuando, "prevê-se a existência de uma comissão de especialistas que desenvolva uma acção de acompanhamento ao funcionamento dos institutos. Será com base nos relatórios dessa comissão que no turno do período da instalação, será ou não revogada a autorização do funcionamento agora concedido".

Durante 8 anos as CESPU (Cooperativa de Ensino Superior Politécnico Universitário) responsáveis pela criação dos ISCD (Institutos Superiores de Ciências Dentárias do Porto e Lisboa) planearam e tentaram legalizar estes institutos. Não se consegue compreender como é que passado todo este tempo, o acordo governamental surge, se o próprio diploma admite que as CESPU não dispunham de todo o pessoal, equipamento e instalações necessárias ao ensino de medicina Dentária. Por experiência própria notamos a dificuldade que houve e há em constituir um corpo docente qualificado para a nossa Escola. Como irão as CESPU (aliás como estão) ultrapassar este problema e garantir uma proporção miníma de pessoal docente qualificado?

Aguardamos. Aguardamos que a comissão de especialistas já esteja a funcionar, pugnamos e teremos que zelar para que da sua constituição façam parte pessoas responsáveis e idóneas, pois tenha a certeza que se o forem, será revogada a autorização de funcionamento no fim do próximo ano lectivo, pois há muito esta comissão se terá questionado se as ciências médicas que compõem o ciclo básico (primeiros 3 anos) deverão ser encaradas como matérias teóricas dadas em qualquer sala de aulas, ou deverão ser leccionadas dentro dum conjunto de condições que têm de passar pela sala, pela estrutura laboratorial e pelo apoio hospitalar.

Estas situações são exemplos da proliferação evidente e anormal de "ilegalidades", que se deve em grande parte à incúria e inoperância das autoridades competentes, que apesar de repetidamente alteradas, continuam a defender uma política de saúde onde reina a anarquia e a irresponsabilidade.

É nosso dever como estudantes combatê-la pois se agora somos os prejudicados do presente, tudo indica que no futuro seremos os desempregados da saúde.

Jorge Patinho
4º Ano Med. Dentária
Comissão de Curso
Senado Universitário
Assembleia de Represantes

1990... por: Tatanka

Um possível balanço!

A 25 de Janeiro, quinze minutos após, o previsto, o Primeiro Ministro pisava o relvado principal do Estádio Universitário.

Daí a pouco, no mini-auditório das instalações desportivas e após a assinatura do protocolo tripartido entre o Governo, a Reitoria e a Associação Académica, tendo em vista a construção do Pavilhão III, Emídio Guerreiro tinha oportunidade de saborear não só uma das poucas, como a mais expressiva vitória do seu mandato e de verificar factualmente a importância do desporto, quer como veículo de comunicação, quer como gerador de actividades e recreio. Permitia-lhe exclamar perante os Orgãos de comunicação Social e os V.I.Ps presentes, a azafama da sua equipa desportiva, o porquê da sua nomeação para a Comissão Directiva do Estádio Universitário e o erro clamoroso cometido pelo Reitor da Universidade, ao protelar durante quatro meses a sua entrada em funções. Permitia-lhe ainda, entregar às secções e aos estudantes a certeza que os problemas de espaço há anos existentes, além de não sofrerem o agravamento proveniente da entrada em funcionamento da Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física, seriam resolvidos. Depois, bastou-lhe desfolhar as realizações e o que a Associação deverá pretender desportivamente no futuro; lembrar que 1991, é impreterivelmente o ano da ética desportiva na Académica, que essa intenção passa pela revitalização do Conselho Desportivo, pela definição das instituições, pela opção de deixar à Direcção Geral que lhe suceda, seja qual for, a base que oportunamente lançou, criticando sistematicamente as Direcções que no terminus dos seus mandatos destribuiam a documentação e o espólio pelos seus correligionários e apoiantes.

Ao analisarmos a intervenção ou intervenções do seu mandato não poderemos dizer que todos os pelouros que apoiaram as actividades da sua Direcção, mostraram visão, audácia e perspectiva.

Observámos sectores que mostraram umas semi-vidas idêntica ou inferior a tantas outras que sustentaram directórios anteriores, assumindo-se como meras comissões de festas, num país onde vários extractos populacionais chegam ao cúmulo de aferir a sensibilidade por modelos previamente confeccionados, adaptando o sonho aos impingidos pelas telenovelas.

Vimos que deixou o cabeça de lista da sua área às próximas eleições e colega de Direcção enveredar pelos mesmos maneirismos, truques, tiques, ses, porquês, intervenções, realizações e rábulas, ao cobrir-lhe palmo a palmo todas as intervenções, actividades e "passeios" públicos na derradeira fase em que se projectavam as eleições.

Que tombou na asneira de negociar a "oposição" simbólica do aumento dos preços das cantinas, deixando de mobilizar os estudantes para o NÃO e recebendo em troca dos Serviços Sociais a remodelação da B, com um novo visual gastronómico a preços convidativos, que certamente se alterarão logo que abandone o poleiro. Assim rezam as crónicas do ex-snack e da cantina do ex-Hospital da Universidade.

Envolve-se com os estudantes de origem Africana no caso SIDA, sentindo-se na obrigação de aconselhar a saída do responsável pela notícia, assim como de a desmentir.

Finalmente, chamusca a pele numa digressão polémica a Macau e desmantela um serviço de textos que necessitava de ser exorcisado e não extinto. Estes constituem os erros mais flagrantes de uma Direcção Geral que se recusou a cumprir um mandato de nove meses, como lhe haviam sugerido os seus antecessores, ao passarem-lhe o testemunho em Março de 1990.

Tibuteando essencialmente na condução do processo de Direito, não deixa de o liderar. Coloca-se ao lado das F.C.T.U.Cs, dá-lhes a força possível, aguenta as declarações contrárias às contestações dos estudantes de Letras que aproveitam a presença de Cavaco Silva para se manifestar contra a abolição do pagamento dos vencimentos, durante os estágios.

Mostrava a fase positiva desta Direcção, ao assumir-se como Presidente do Sindicato dos Estudantes de Coimbra, ao considerar que após vários anos de pacto com Reitores e Governos, chegara o momento de dizer basta, fugindo à tentação economiscista dos seus antecessores nos últimos dez anos. O aviso, dera-o ao recusar assinar no início do mandato um protocolo com o Ministério da Educação, no Governo Civil, envolvendo cerca de milhão e meio de escudos. Alegando a exiguidade da verba e os condicionalismos ditados pelo protocolo a assinar, que dizia pretender hipotecar o futuro desportivo da associação, bate o pé ao governo a que se encontra ligado ideologicamente. De facto no campo desportivo os resultados seriam expressivos, ultrapassando as meras realizações, pontuais, corriqueiras e descoloridas, dos convívios e festivais.

Foi o único dos sectores a que presidiu, a preparar o futuro. Bateu-se por uma nova maneira de estar da F.A.D.U., de forma a que não se constitua como o INATEL dos pequeninos e surja como a Federação Desportiva do Ensino Superior, conscientes das suas limitações actuais.

Reformulou o sistema de transportes, considerando o aspecto das secções que participam em competições individuais, ao adquirir uma carrinha de nove lugares.

Reestrutura as actividades desportivas universitárias na Universidade de Coimbra, montando um gabinete de atendimento e criando um horário de prática desportiva decente e nunca das zero às três da madrugada.

Revitaliza o Conselho Desportivo e reconhece-lhe a actividade sindical dos seus membros na defesa de interesses que as Direcções Gerais por demasiado efémeras, não poderão dar continuidade.

Cria a sala de taças do Museu Académico, o que para além de reunir todo o Espólio existente, obriga à reabertura do Museu Académico.

Finalmente, dá dignidade e forma ao Posto Médico existente no Estádio Universitário, transformando-o num Centro Clínico Desportivo a inaugurar no dia 24 de Fevereiro do corrente ano, que marca o ponto de viragem.

... Emídio Guerreiro tinha a oportunidade de saborear não só uma das poucas, como a mais expressiva vitória do seu mandato e verificar factualmente a importância do desporto...

Concerteza que o braço terçado com o Prof. Adriano de Sousa, Vice Reitor, que se opunha à nomeação de Eduardo Cabrita para a Comissão Directiva do Estádio Universitário de Coimbra, terá gerado o entendimento e o trabalho de equipa que este e Filipe Silva produziram. Utilizando o tempo em que foram impedidos de assumir funções para a elaboração de projectos e teses que aproximassem o Estádio das Secções e dos estudantes, continuariam uma publicação a que chamaram Livro Aberto, que distribuiram no acto da tomada de posse.

Ultrapassada a suspeição criada, a sujeição psicológica e o tratamento desigual a que foram submetidos - dificuldade em utilizar meios de comunicação, apoio burocrático, obstrução a sua actividade de directores no estádio - pugnaram pela realização dos projectos indicados.

Adriano Sousa, professor em Farmácia e presidente da Comissão Directiva, ao assumir uma postura conservadora e de oposição ao projecto subscrito pelas secções, não se apercebera da capacidade de decisão; concretização e entre ajuda cultivada entre os Associativos. Multiplicam contactos, auscultam secções, intervêm activamente na criação de meios e espaços para a prática desportiva universitária.

Pinho Brojo, Vice-Reitor ligado aos assuntos desportivos, evita - in extremis a ruptura entre as partes no início de Janeiro, ao intervir numa querela provocada por Adriano de Sousa, depois deste desautorizar Eduardo Cabrita e violar o regulamento de funcionamento da Comissão Directiva.

Depois da tempestade, a bonança. A Comissão chega a acordo sobre os itens a apresentar ao Director Geral do Ensino Superior para a construção do Pavilhão III, mais uma vez sob a égide de Pinho Brojo.

Em cinco meses de trabalho intenso e duro, haviam logrado para a Associação Académica e para o estádio, o melhor investimento. Convenceram: Pinho Brojo do porquê da equipa que haviam defendido, o Secretário de Estado de Juventude, Miguel Macedo, que o esforço solicitado era mesmo para o Centro Clínico; o Director Geral do Ensino Superior PedroSenica, de que a ideia era mesmo dar a volta ao que estava mal, bastava-lhes dizer a Adriano que o mobil não era o poder ou o tacho em qualquer gabinete. Apesar dos seus malabarismos, primeiro para impedir e depois para evitar a presença da Associação Académica no Estádio o estragema não compensara.

Emídio Guerreiro diria a finalizar no discurso, que resgatava ao anonimato os nomes de Filipe Silva e Eduardo Cabrita, dois homens que souberam encontrar no trabalho de equipa a dinâmica capaz de gerar a simbiose perfeita entre o querer e o saber, a juventude e a experiência.

O mais jovem alterou hábitos, estabeleceu contactos, ganhou experiência. Corre para acabar o curso e goza o sabor de ter participado na realização do melhor trabalho desportivo dos últimos dez anos na Associação Académica.

O outro, é provável que se recorde quando Adriano de Sousa lhe chamou incompetente perante o prof. Poiares Batista então Vice-Reitor, ou do ano em que foi obrigado a estar sentado numa cadeira sem nada fazer, por antever os males provenientes da experiência de equipas profissionais na Associação Académica.

Ah, desculpem. Já me esquecia.

O discurso terminou dizendo: Todos sentimos que trabalharam arduamente para que 1991, seja o ano da ética desportiva na Associação Académica de Coimbra.


CAC- CAFE/REST. ACADÉMICA
EM FRENTE AOS ARCOS

petiscos

refeições
Serv. de Bar
------- ABERTO ATÉ ÀS 2H DA MATINA -------

"Não tenho uma perspectiva economicista da Universidade"

Rui Nogueira Lobo de Alarcão e Silva, nasceu em Coimbra em 22/2/1930. Nesta cidade fez os seus estudos e veio a licenciar-se em Direito em 1952. Doutorou-se em Ciências Jurídicas em 1971, tendo sido aprovado com "Distinção e Louvor".

É Reitor da nossa Universidade desde 1982, tendo sido reeleito em 1985 e agora em 1990. Eis o seu depoimento.



1. Abertura Solene

Cabra: Magnífico Reitor, porquê só agora a Abertura Solene?

Reitor: Várias pessoas me têm feito essa pergunta. A Abertura Solene costuma realmente decorrer no primeiro período lectivo, mas não é a primeira vez que acontece em Janeiro. Houve várias razões para isso, mas a principal razão está na circunstância de que na Abertura Solene das aulas o Reitor faz sempre uma alocução sobre problemas universitários e havia, relativamente a importantes situações que eu teria que focar, a necessidade de as esclarecer e clarificar. Refi-me sobretudo a questões orçamentais e à matéria do Pólo II da Universidade. Por outro lado, a marcação da data articulava-se também com um convite que havia feito ao Senhor Primeiro-Ministro para vir a Coimbra -uma visita que se revelou, efectivamente, de grande importancia. E o Primeiro Ministro tinha as suas dificuldades de agenda. De maneira, que só foi possível fazer a Abertura Solene na penúltima semana de Janeiro.

C: Mas porquê fazer a Abertura Solene numa sexta-feira ?

R: A Abertura Solene não costuma ser feita numa 6ª feira, é verdade. Mas, como lhe disse, houve que ter em conta as disponibilidades do Primeiro-Ministro e foi esse o dia por ele proposto.

C: O facto de se celebrarem este ano os 700 Anos da Universidade, não mereceria a Abertura Solene noutro dia, até para que a participação dos alunos fosse maior ?

R: Já lhe indiquei as razões da data. Aquela que propus ao Primeiro-Ministro não caía efectivamente numa sexta-feira, mas...

C: Qual era a data ?

R: Era uma 4.ª feira. Mas deixe-me dizer-lhe que em matéria de número de alunos, houve uma afluência bastante grande e não creio pois, que isso tenha prejudicado...

2. Instalações

C: As Instalações são um dos grandes problemas da nossa Universidade .....

R : Sem dúvida, sem dúvida!

C: ..... tema que o Senhor Reitor referiu na Abertura Solene. Para quando se prevê o início das obras do Pólo II ?

R: Como sabe, em matéria de instalações não se tem estado parado nos últimos anos. As obras no Paço das Escolas e na Faculdade de Direito, nos edifícios do Antigo Hospital (que interessam especialmente às F.C.T.U.C., Letras e Farmácia, e à A.A.C.), as novas instalações da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Faculdade de Economia e da Medicina Dentária, as novas edificações e realizações no âmbito dos Serviços Sociais, constituem, entre outras, realizações de grande significado.

"A Abertura Solene não costuma ser feita numa Sexta-feira, mas houve que ter em conta as disponibilidades do Primeiro-Ministro e foi esse o dia por ele proposto."

Mas decerto que é preciso muito mais, em conformidade, aliás, com o Plano Geral da Universidade de Coimbra, que se reparte pelos chamados Pólos I, II e III.

C: No que se refere ao Pólo II.....

R: No que respeita ao Pólo II, que será o Pólo, por excelência, do desenvolvimento da Universidade, fizemos a aquisição de terrenos, depois de termos conseguido, e foi bem difícil, reservar uma área de cerca de 81 hectares.

Agora, depois do Despacho-Conjunto que o Senhor Primeiro-Ministro anunciou no dia da Abertura Solene das aulas, despacho que constitui um caso inédito, como o próprio Primeiro-Ministro salientou, estão criadas as condições para que o Pólo II, em matéria de construções, arranque finalmente . Esse despacho representa um salto qualitativo no tocante ao desenvolvimento físico da U.C.. O despacho reconhece como primeira prioridade a construção no âmbito da F.C.T.U.C., e mais concretamente, nas áreas da Engenharia e das Tecnologias. O Governo, ao estabelecer que "apoiará" as candidaturas a apresentar pela U.C. aos programas de financiamento, nacionais e comunitários, assume um compromisso político ou político-jurídico, que, sob pena de ficar sem contéudo, vai ter obvias consequências económico-financeiras. Estamos já a dar os passos necessários - a Reitoria e a F.C.T.U.C. - para que, ao abrigo do despacho, as coisas marchem bem e expeditamente.

C: Já está marcada um data para o início...

R: Ora bem, o Primeiro-Ministro anunciou que, se tudo correr como se espera, poderão iniciar-se as obras ainda em 1991.

C:Para quando a resolução do problema das instalações na Faculdade de Direito ?

R: Isto tem a ver, em parte, com a construção do Pólo II, porque, repare, a Faculdade de Direito, que se situa na zona do centro histórico da Universidade, está por isso mesmo limitada na sua expansão. O seu destino natural é expandir-se para a área onde está a Fac. de Farmácia. Mas só depois de a Faculdade de Farmácia passar para o Pólo II, como está previsto. Antes disso, porém, terá de resolver-se, pelo menos, o problema do auditório, de que a Faculdade tanto precisa .

C: Na Fac. de Economia pensou-se que, após a inauguraçao das instalações, os problemas ficariam resolvidos. No entanto os alunos queixam-se da continuada falta de condições para assistirem às aulas.

R: Não! Repare: a Faculdade de Economia, até à inauguração dessas instalações, estava numa situação aflitiva, mas aquilo que foi inaugurado é a 1.ª fase e agora há uma 2.ª fase; os problemas só serão resolvidos com a conclusão desta 2.ª fase.

3. Pedagogia

C: Magnífico Reitor, a pedagogia constitui também um grave problema, não só da nossa Univ., mas do ensino em geral. Que comentários se podem fazer sobre o insucesso escolar na nossa Universidade ?

R: Ora bem, o insucesso escolar é um problema extremamente grave. Eu tenho chamado várias vezes a atenção para esses problemas. O insucesso escolar é produto de muitas causas, é algo de muito complexo, que tem a ver com deficiencias do ensino e da pedagogia, deficiências de instalações, deficiências de preparação nos graus de ensino pré-universitários, deficiências de estudo, etc.

C: Nas IV Jornadas Pedagógicas, organizadas pela D.G./A.A.C., avançaram-se alguns pontos sobre....

R: Sim, Sim.. olhe, eu posso dizer-lhe, aliás estive no encerramento dessas Jornadas e salientei o seguinte: a Universidade de Coimbra tem claramente, a meu ver, subestimado os problemas de ensino e pedagogia.

Nos próximos tempos, já o disse e escrevi, é necessário que haja um reforço de atenção relativamente aos problemas pedagógicos.

Lembro que, nas III Jornadas Pedagógicas, eu disse que havia, como aliás acontece muitas vezes no nosso país, excesso de diagnóstico e míngua de terapêutica. No encerramento das Jornadas deste ano, tive ocasião de dizer que ficava muito satisfeito, como Reitor, por constatar que a minha advertência tinha encontrado eco. Porque estas Jornadas não foram apenas diagnóstico, foram também terapêutica. Houve conclusões muito concretas, algumas das quais até poderão ser imediatamente postas em prática...

C: A Deficiente Preparação Pedagógica dos professores ?

R: É uma questão perfeitamente pertinente. Porque é que na Universidade de Coimbra, e noutras Universidades, não se atenta suficientemente em que os professores devem ter uma adequada preparação pedagógica ? O próprio recrutamento: a pessoa é recrutada porque tem a melhor nota. Enfim, é uma garantia de qualidade, mas já não é uma garantia de capacidade de ensino.

C: Mas é possível dar essa formação pedagógica ?

R: Eu julgo que é necessário. A Universidade tem que apostar nisso. Note que esse aspecto passa mais pelas Faculdades do que pela Reitoria, como sucede com a generalidade das matérias de ordem pedagógica.

"É pois necessário haver mais docentes; para isso é preciso mais verba para os contratar e aí teremos de fazer uma crítica ao Governo..."

C: Senhor Reitor, e a ratio aluno-professor ?

R: Houve alguém que disse que uma forma de mentir é fazer estatística, e quando nós falamos de uma média é algo de abstracto. Nós temos na nossa Universidade ratio desde 1: 5 ou menos,até 1:70/80. Depende, claro, dos cursos. Mas temos, globalmente falando, carência de docentes, embora nalgumas áreas pudessem estar melhor distribuídos. É pois necessário haver mais docentes; para isso é preciso verba para os contratar e aí teremos que fazer uma crítica ao Governo, teremos de pedir um reforço de verbas para contratação de docentes, porque é um elemento de primeira importância, nomeadamente para ajudar a reduzir o insucesso escolar.

C: Qual é o posicionamento da Reitoria perante a proliferação de Universidades Privadas ?

R: Bem, eu não direi que haja uma posição da Reitoria da U.C. sobre este assunto...

C: Mas, então, qual é a posição do Reitor da U.C. ?

R: Ora bem, isso dava pano para mangas, mas aqui sempre lhe posso dizer o seguinte. Eu não sou, nem posso ser, contra as Universidades Privadas, que aliás a Constituição e a lei permitem. Acontece, porém, que este problema foi mal posto desde o princípio. até porque se criaram Universidades Privada com toda a facilidade, por simples despacho ministerial, só muito depois vindo a ser publicado o Estatuto legal respectivo, assim se pondo, como se costuma dizer, o carro à frente dos bois. Isso teve como consequência que, efectivamente, houve muita coisa que correu mal, e é muito mais díficil emendar as coisas que começam mal. É um problema - este das Universidades Privadas, onde não se inclui a Universidade Católica - que precisa de melhor atenção. Elas desempenham uma função de interesse público, que lhes dá, por assim dizer, especiais direitos, mas lhes impõe, não pode esquecer-se, especiais deveres. E tem de pensar-se devidamente no seu relacionamento com as Univ.s Públicas, nos diversos aspectos postos em causa, desde o problema dos docentes ao dos financiamentos.

C: Várias são as Faculdades que se debatem com problemas de estágio. Começou com a Fac. de Direito, e agora alastrou à Faculdade de Letras e á Fac. de Ciência e Tecnologia. Qual é a posição da Reitoria ?

R: Ora bem, a respeito disso, como sabe, houve protestos estudantis, designadamente no dia da Abertura Solene, e até foi dito que eu, como Reitor da U.C., também tinha resposabilidade. Não me furto às responsabilidades, mas no caso não as tive . Dir-lhe-ei até que, em meu modo de ver, as reivindicações estudantis têm basicamente razão, e a prova disso é que o Governo suspendeu o diploma, para reflexão e audição dos estudantes.

C: Mas, Senhor Reitor, porque é que a Reitoria nunca tomou uma posição formal perante os Problemas dos Estágio de Direito, e agora nesta questão de Letras e F.C.T.U.C.?

R: Bem, o que é chama uma posição formal ? Em 1.º lugar, eu julgo.....

C: Por exemplo, no caso da Faculdade de Direito ?

R: É preciso haver especial comedimento nas intervenções públicas do Reitor, e da Reitoria, neste género de questões. Em matéria pedagógica, tem que haver uma grande prudência , sob pena de se dizer, como aliás já foi dito, que o Reitor está a intrometer-se em áreas que são próprias das Faculdades. Diferente é realmente se a Faculdade X ou Y vêm pedir ao Reitor que tome posição sobre determinado assunto e , no caso, isso não foi feito.

Por outro lado, eu julgo que, mais importante de que certas atitudes vistosas, é, por vezes, a influência que se exerce no desenrolar e no desfecho das questões. A circunstância de não aparecer nenhuma declaração pública do Reitor sobre certo problema não significa que ele não tenha, através dos canais mais adequados, nomeadamente o contacto com o Governo ou a via do Conselho de Reitores, feito sentir a acuidade de certos problemas e a necessidade de inflectir na solução desses problemas. Procuro actuar, como é meu timbre - haverá pessoas que gostam, haverá pessoas que não gostam, mas enfim, é o meu estilo - de uma forma que procura ser eficaz, embora seja discreta.

4. Autonomia Universitária

C: Senhor Reitor, em termos práticos, o que é que significa a Lei da Autonomia Universitária ?

R: A Autonomia Universitária é uma velha reivindicação das Universidades e a Lei que a consagrou julgo-a uma boa lei. Foi, de resto, aprovada por unanimidade na Assembleia da República, o que constitui um facto politicamente muito significativo.

A Autonomia Universitária desdobra-se, para além da da autonomia estatutária, na autonomia pedagógica, científica, administrativa e financeira. A U.C. tem os seus estatutos aprovados e, de momento, em relação à autonomia pedagógica e científica, as coisas estão a correr bem. Já há problemas quanto à autonomia administrativa, mas sobre-



TIMOR-LESTE

A LÓGICA DA DIFERENÇA OU DA INDIFERENÇA?

A comunidade internacional, correntemente usa a força militar como resposta à indignação que provoca a invasão de um país por outro. Na história recente do mundo, e especialmente na história do terceiro mundo, desde a última guerra mundial, temos assistido a uma longa história de invasão após invasão de pequenos países por outros maiores e mais poderosos. Por vezes o mundo vira a cabeça e ignora. A invasão de Timor Leste em 1975 pertence a esta categoria.

Porque será que os direitos duma comunidade de uma pequena ilha não têm importância? Porque será que tantos abusos, torturas e mortes ficam impunes e por noticiar? Porque precisam os timorenses de morrer aos milhares para receber a atenção da comunidade internacional, enquanto que outros países na mesma situação tiveram a atenção apropriada? As respostas podem ser óbvias para alguns mas menos óbvias para outros. Certamente elas estão ligadas com a ordem económica que prospera através dos negócios que a Indonésia mantém, benificiando do silêncio do mundo sobre a questão de Timor Leste.

No entanto é possível que a verdadeira vergonha nesta história se ligue com os que, como nós, ouviram falar, compreenderam realmente mas que nada fizeram para atrair a atenção do mundopara a luta do Povo timorense. Onde está a solidariedade dos sindicatos, das igrejas, das pessoas comprometidas? Quinze anos passaram, como nos lembra Estevão Cabral, mas uma injustiça como esta não desaparece com o tempo. As pessoas continuaram a morrer até que o problema se resolva. É necessário acção. Este será provavelmente o primeiro de uma série de textos que pode constituir o nosso comprometimento com o povo de Timor Leste. Se quiser fazer algo mais, então pode contactar o MCP através do nosso secretariado nacional em Coimbra.

É tempo de relembrar que uma injustiça foi cometida. Não podemos deixar passar mais tempo sem lhe responder.



"QUINZE ANOS DEPOIS DA INVASÃO"

Há quinze anos que o povo de Timor Leste sofre continuamente a repressão do regime de Jakarta. A invasão ocorreu no dia 7 de Dezembro de 1975, logo depois de Jakarta começar a estender as suas pretensões colonialistas e expansionistas ao território de Timor Leste. Foi uma invasão brutal.

Apesar dos avisos lançados pela FRETILIN ao mundo, em Outubro de 1974, sobre a possibilidade de a Indonésia invadir o território, nada foi feito para impedir as ambições do governo indonésio.

A Indonésia é um membro de pleno direito do Movimento dos Países Não Alinhados, um dos seus membros fundadores; membro das Nações Unidas e da ASEAN, e ironicamente tem como filosofia da Constituição da República a "democracia e respeito mútuo".

Os arquitectos da invasão foram o General Suharto e os seus oficiais, mas não podemos esquecer que esta invasão foi encorajada pelos EUA. Lembremo-nos que nos dias anteriores à invasão Gerald Ford e Kissinger, o Presidente e Secretário de Estado dos EUA, visitaram a Indonésia. Suharto aproveitou bem este apoio para a concretização das suas ambições. Mais tarde, o governo dos EUA providenciou ajuda financeira e logística, à Indonésia incluindo armamento sofisticado. Foi com a perspectiva deste apoio que Suharto julgou ser fácil "conquistar" Timor Leste, podendo fazê-lo no momento em que quisesse. Assim, enviou as suas tropas para invadir e ocupar Timor, pela força, a 7 de Dezembro de 1975. A população não teve tempo para fugir nem para se refugiar.

No mesmo dia, a invasão foi condenada pela ONU. No dia 12 de Dezembro de 1975 a Assembleia Geral da ONU, adoptou a Resolução 3485, na qual se insta a Indonésia a desistir da violação do território de Timor Português e a retirar sem demora as suas tropas de ocupação, no sentido de possibilitar ao povo de Timor Leste o livre exercício do seu direito à autodeterminação e independência.

Após a invasão, o regime de Jakarta iniciou um processo que conduziria à criação duma chamada "Assembleia Regional Popular" de Timor Leste que requereu a integração na Indonésia no dia 31 de Maio de 1976. O governo Indonésio convidou para esta sessão, todos os membros das Nações Unidas, mas somente sete enviaram observadores diplomáticos, a saber: India, Irão, Malásia, Nova Zelândia, Nigéria, Arábia Saudita e Tailândia.

A Indonésia concretizou a integração através de uma lei de 17 de Julho de 1976, reconhecendo o território como a sua 27ª Província. Depois disso, a "Assembleia Regional Popular" estabeleceu localmente um governo que teria como tarefa a responsabilidade de reparar as cidades e vilas que as forças indonésias tinham ocupado.

Tudo isto se passou apesar dos pedidos da FRETILIN, de Portugal, dos Países Africanos de expressão portuguesa e bastantes outros, assim como de organizações internacionais como o Conselho de Segurança da ONU (através das Resoluções 384 de 22 de Dezembro de 1975 e 389 de 22 de Abril de 1976), que condenaram a invasão e instaram a retirada imediata das forças indonésias do território de Timor Leste. Em resposta a isso a Indonésia intensificou a sua brutal repressão sobre a população timorense. Provocou muitos estragos e muitas pessoas perderem as suas vidas, como consequências do uso de armamentos sofisticados e da aviação providenciados pelos EUA e seus aliados. Um terço da população morreu.

A dívida externa indonésia tornou-se uma das maiores do mundo. Os países fornecedores de armas à Indonésia com certeza ficaram felizes com os crimes cometidos contra a população de Timor Leste duma forma tão brutal.

Portugal é ainda reconhecido como a potência administrante do território de Timor Leste pelas Nações Unidas. A descolonização do território começou nos princípios de 1974 mas terminou tragicamente com a agressão Indonésia em Setembro de 1975 e a invasão e a ocupação pelo mesmo país em Dezembro do mesmo ano.

TEMPOS MODERNOS



O QUE FEZ A INDONÉSIA, OU MELHOR O QUE INDONÉSIA TEM FEITO.

Para além da anexão ilegal, a Indonésia empreendeu vários projectos para bloquear qualquer mudança política. Controlou as mass media de modo a isolar o território dos outros países do mundo. Produziu propaganda diplomática contra todas as outras partes envolvidas no conflito, especialmente a FRETILIN e Portugal. Tentou provar que as pessoas, isto é, os timorenses ainda residentes em Timor Leste, tinham escolhido claramente a integração, tornando tudo o que se passa dentro de Timor Leste num problema interno da Indonésia. A Indonésia continua a jogar um papel de loucos, solicitando apoio a outros países negando informações e fazendo acusações contra organizações independentes, e redes locais de informação. Con-



tudo, é preciso não esquecer as lutas diplomáticas que a FRETILIN, Portugal e os países africanos de língua portuguesa levaram a cabo durante estes anos. Foi neste contexto que a Indonésia perdeu a competição para se tornar presidente do Movimento dos Não Alinhados e que foi confrontada com várias Resoluções condenatórias da ONU. Eis algumas delas:

31/53 de 1 de Dezembro de 1976

32/34 de 28 de Novembro de 1977

33/39 de 13 de Dezembro de 1978

34/40 de 21 de Novembro de 1980

36/50 de 24 de Novembro de 1981

37/30 de 23 de Novembro de 1982

Apesar de todas estas Resoluções da Assembleia Geral da ONU, e ainda de muitas outras adoptadas pela ACP-CEE, pelo Movimento dos Não Alinhados, e pela CEE, a Indonésia nunca parece ter tido qualquer intenção de se retirar de Timor Leste ou de seriamente negociar o futuro do terriotório. São de facto de meras resoluções feitas de letras mortas. A Indonésia continua a exercer o seu poder militar em Timor Leste e continua a tentar ganhar tempo a nível internacional. A situação parece não ser exactamente aquela que o Iraque enfrentou. Curiosamente, países que condenaram tão vivamente a invasão do Kuwaite pelo Iraque como o Reino Unido, a Alemanha Federal, a França, o Canadá, a Bélgica, a URSS e os EUA, continuam a vender armas á Indonésia que as utiliza em Timor Leste, na sua guerra de ocupação ilegal deste território.

Em 1989, quando para a Indonésia a anexação era uma questão irreversível, o Papa João Paulo II foi convidado a visitar Timor leste a 12 de Outubro. O principal objectivo deste convite era ganhar ainda maior apoio internacional para a causa da anexação. Por esse motivo, muitos timorenses e alguns padres católicos mobilizaram-se à volta desse acontecimento para contestar a anexação de Timor Leste assim como crentes e funcionários da Indonésia só que estes com a intenção de procederem ao policiamento e vigilância dos movimentos dos timorenses. A própria polícia secreta preparou-se e agiu para impedir qualquer manifestação contra o regime de Jakarta e impor o status quo do território. Todos os batalhões presentes no território foram colocados em estado de alerta geral. Contudo, uma inesperada manifestação a favor da autodeterminação e independência foi organizada por jovens timorenses. Foi a primeira vez que tal aconteceu, após 14 anos de ocupação. Parece que a vigilância e a repressão, aliada ao isolamento, não foram muito eficazes. Claro que o General Suharto e toda a sua equipa, incluíndo o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros Ali Alatas, mobilizou todas as suas tropas para reprimir brutalmente os jovens e a população em geral. Como resultado destas acções, mais de 3000 jovens foram presos e alguns desapareceram.

Com o passar do tempo o espírito nacionalista foi crescendo e reforçando a unidade dos timorenses. O desejo de uma autodeterminação e independência tornou-se suficientemente importante para constituir o problema mais grave que a Indonésia tem que enfrentar em Timor Leste. Assim, o General Benni Murdani, o Ministro da Defesa indonésio, um dos arquitectos da invasão, fez novos planos de repressão, tonando-os prioritários.

As tropas indonésias recomeçaram as suas acções de intimidação no seio da população. Esta estratégia falhou, no entanto, e, por causa da força do desejo de autodeterminação e independência do povo, a resistência cresceu e consolidou-se. Em 17 de Janeiro de 1990 o embaixador dos UEA em Jakarta, John Monjo, visitou Dili. Nesta ocasião, jovens timorenses organizaram uma manifestação na qual exigiam um Referendo sobre a autodeterminação e independência do território. Cantaram canções da FRETILIN ("Resistir é vencer", "A vitória é certa"). Esta manifestação foi seriamente reprimida. Muitos dos jovens foram espancados pela polícia, outros presos e de novo alguns desapareceram. Esta manifestação enfureceu o General Murdani. Em Fevereiro do mesmo ano, numa reunião em Dili, declarou que mandaria matar camponeses e pessoas inocentes se algo semelhante acontecesse de novo. No entanto os jovens asseguraram que uma nova manifestação ocorreria em Setembro por ocasião da celebração do 50º aniversário da Diocese de Dili. Os timorenses têm força para lutar até atingirem o seu objectivo, que Timor Leste seja livre. É por isso que se continua a lutar neste país apesar do risco da própria vida. Por esta razão também a FRETILIN continua a resistir à ocupação indonésia ganhando cada vez mais apoio da população. "Resistir é Vencer" porque a "Vitória é certa". A partir de agora, a única solução justa para Timor Leste é o Referendo como aliás é determinado pelas Resoluções da ONU: "O Povo de Timor Leste deve poder exercer livremente o seu direito de decidir sobre o seu próprio futuro". O que a Indonésia procurou fazer ao longo de todos estes anos foi tentar incorporar e integrar o Território e o Povo de Timor Leste na República da Indonésia, mas só conseguiu que os timorenses e a opinião do mundo se manifestasse contra ela.

TIMOR LESTE NO CAMPO DIPLOMÁTICO

Embora as Convenções dos Direitos Humanos, o Direito Internacional e as Resoluções da ONU nunca tenham sido aceites e executadas pela Indonésia, nenhuma sansão económica ou militar foi implementada. Nunca ninguém parou de vender armas à Indonésia. Países como os EUA, a RFA, a Holanda, o Canadá, a França, a Jugolslávia, a Coreia do Sul e a Austrália, continuam a vender à Indonésia equipamentos que esta utiliza, na sua maioria, na guerra em Timor Leste nas contínuas agressões contra o povo timorense.

Surpreendentemente, a Austrália reconheceu a legalidade da presença Indonésia em Timor Leste em 1979 e iniciou negociações com a Indonésia acerca da exploração das jazidas de petróleo de Timor GAP situadas entre a Austrália e Timor Leste; isto apesar dos timorenses durante a II Guerra Mundial terem ajudado a Austrália na defesa da sua soberania com o custo de 40 000 vidas. Assim, a Austrália tornou-se um dos maiores apoiantes da Indonésia. É bom lembrar que a Austrália considerou que Timor Leste não tinha condições para ser um território independente por falta de recursos económicos!!! Este foi um dos argumentos mais fortes que a Austrália utilizou para se justificar e para justificar as suas posições incoerentes e egoístas.

Este acordo entre a Austrália e a Indonésia só servirá para piorar a situação do povo timorense porque o despoja dos seus recursos legítimos e encoraja cada vez mais o governo de Jakarta a aniquilar a resistência Maubere dentro do território e a agravar a situação de abuso dos direitos humanos. Nunca pensamos vir a ter que acreditar que o governo australiano colaborasse de tal modo na usurpação dos recursos do povo de Timor. Sempre pensámos que o povo australiano nunca aceitaria este vergonha.

A invasão do Kuwait pelo Iraque não é diferente daquela que a Indonésia cometeu contra Timor leste. Saddam todos seme diferença é gráfica.

No caso líticas dos corajaram a necer orgulh Muitos dest agora resolu incluíndo o uma data lim se retire do um eficaz en

Isto nunc Indonésia!

Os timor escandalizad nível de agr foi semelha resposta idê severidade. isto que os são prioritár povos. Mas podem ser a tre Timor L que parece é dentais que mundo. "Faç façam o que liderados p claramente a com isto, nã a invasão vizinho Iraq vemos olhar semelhantes fracos são mais poder comportou parece-nos Palestina p Ocidental po pela Síria Indonésia sã



am Hussein usou mé-
elhantes. A única
é uma questão geo-

o timorense, as po-
países ocidentais en-
a Indonésia a perma-
nosa das suas atitudes.
tes países aprovaram
ações contra o Iraque,
uso da força militar,
mite para que o Iraque
o Kuwait, assim como
mbargo económico.
nca aconteceu com a

res estão chocados e
dos com a situação. O
ressão em Timor Leste
ante, mas não houve
êntica e com identica
Compreende-se com
interesses económicos
ários aos direitos dos
os interesses também
assunto de diálogo en-
Leste e as potências. O
é que as potências oci-
erem ser donas do
çam o que eu digo, não
e eu faço". Estes países
pelos EUA assumem
a sua arrogância. Nós,
ão queremos legitimar
do Kuwait pelo seu
que, mas também de-
r para todos os casos
s em que países mais
invadidos por outros
rosos! Se Saddam se
erradamente então
que a ocupação da
por Israel, o Sahara
or Marrocos, o Líbano
e Timor Leste pela
ão igualmente errados.

Nenhum país pode ser um alvo de invasão por vizinhos arrogantes. A integridade dos territórios deve ser respeitada e todos os conflitos envolvendo princípios semelhantes devem ser tratados de forma idêntica, senão as Resoluções das nNações Unidas são completamente inúteis.

Voltando à Indonésia vejamos como ela continua a impor os seus interesses a Timor Leste: transmigração forçada das populações, esterilização forçada das mulheres, controlo militar das pequenas aldeias estratégias... Mesmo assim as autoridades indonésias parecem não estar satisfeitas.

A TIMORIZAÇÃO DA GUERRA

Mil e quinhentos timorenses são treinados em Denpasar e Maleng - Indonésia, a fim de se juntarem ao exército indonésio nas suas operações no território. Este trabalho pretende constituir uma barreira humana defensiva para o exército em situações perigosas, na procura e passagem de informação para as autoridades, vigiando as vilas e aldeias e prevenindo a possível infiltração de guerrilheiros, procurando isolá-los da população. A timorização da guerra, feita pelas autoridades indonésias, já constitui uma estratégia antiga. Foi um dos seus primeiros objectivos mas tem falhado nos seus intentos. No entanto a Indonésia insistirá neste estratégia até a julgar desnecessária. Ao mesmo tempo, os oficiais indonésios descobriram que não adianta tentar aliciar o povo para o seu lado. Têm que lhe dar armas e treiná-los, só assim poderão atingir os seus objectivos.



BATALHÕES MISTOS

Os batalhões indosésios 744 e 745 são tropas mistas, constituídas por indonésios e timorenses, que operam contra os guerrilheiros.

Em Dili, o número de soldados indonésios fardados ou à paisana, polícia secreta, funcionários e homens de negócios é sensivelmente igual ao número de timorenses. A sua tarefa é a de destruir qualquer manifestação pró-independência organizada pela resistência clandestina em Timor Leste. Durante a noite, eles patrulham vilas e aldeias, "sugerindo" às populações que devem estar contentes com a situação e que não devem fazer manifestações contra a "integração".

A PRESSÃO MILITAR SOBRE OS ESTUDANTES

Grupos especiais de soldados indonésios intensificaram a vigilância das instalações dos estudantes em Dili. Isto aconteceu depois dos estudantes terem protestado contra a manobra planeada pelo comando militar da Região IXKODAM/Udayana e a Igreja Católica de Bali para promover uma reunião pastoral, cujo objectivo era projectar e melhorar a imagem do regime e do ditador Suharto.

"**A Resistência de Estudantes Timorenses**" relatou que estudantes abandonaram abruptamente a reunião e tomaram um carro militar. Eles ordenaram ao condutor que conduzisse até Denpasar e cantaram um hino da FRETILIN "Folho Ramelau" e "Longa Vida para o Povo Maubere" pedindo ás pessoas que repudiassem a presença Indonésia em Timor Leste.

ASSALTOS MILITARES A ESCOLAS

Muitas escolas em Timor Leste foram assaltadas pelas forças indonésias.

Muitos estudantes têm sido feridos, presos e alguns têm desaparecido. O objectivo destes assaltos é capturar autoridades envolvidos na Resistência Nacional. As autoridades indonésias creem ser possível quebrar o espírito nacionalista nas escolas, contudo este permanece forte, sobretudo na única escola onde ainda se ensina em português: o Externato de S. José".

O Externato de S. José em Dili tem sofrido particularmente com a repressão.

Estevão Cabral,
refugiado timorense







tudo, é preciso não esquecer as lutas diplomáticas que a FRETILIN, Portugal e os países africanos de língua portuguesa levaram a cabo durante estes anos. Foi neste contexto que a Indonésia perdeu a competição para se tornar presidente do Movimento dos Não Alinhados e que foi confrontada com várias Resoluções condenatórias da ONU. Eis algumas delas:

31/53 de 1 de Dezembro de 1976

32/34 de 28 de Novembro de 1977

33/39 de 13 de Dezembro de 1978

34/40 de 21 de Novembro de 1980

36/50 de 24 de Novembro de 1981

37/30 de 23 de Novembro de 1982

Apesar de todas estas Resoluções da Assembleia Geral da ONU, e ainda de muitas outras adoptadas pela ACP-CEE, pelo Movimento dos Não Alinhados, e pela CEE, a Indonésia nunca parece ter tido qualquer intenção de se retirar de Timor Leste ou de seriamente negociar o futuro do terriotório. São de facto de meras resoluções feitas de letras mortas. A Indonésia continua a exercer o seu poder militar em Timor Leste e continua a tentar ganhar tempo a nível internacional. A situação parece não ser exactamente aquela que o Iraque enfrentou. Curiosamente, países que condenaram tão vivamente a invasão do Kuwaite pelo Iraque como o Reino Unido, a Alemanha Federal, a França, o Canadá, a Bélgica, a URSS e os EUA, continuam a vender armas á Indonésia que as utiliza em Timor Leste, na sua guerra de ocupação ilegal deste território.

Em 1989, quando para a Indonésia a anexação era uma questão irreversível, o Papa João Paulo II foi convidado a visitar Timor leste a 12 de Outubro. O principal objectivo deste convite era ganhar ainda maior apoio internacional para a causa da anexação. Por esse motivo, muitos timorenses e alguns padres católicos mobilizaram-se à volta desse acontecimento para contestar a anexação de Timor Leste assim como crentes e funcionários da Indonésia só que estes com a intenção de procederem ao policiamento e vigilância dos movimentos dos timorenses. A própria polícia secreta preparou-se e agiu para impedir qualquer manifestação contra o regime de Jakarta e impor o status quo do território. Todos os batalhões presentes no território foram colocados em estado de alerta geral. Contudo, uma inesperada manifestação a favor da autodeterminação e independência foi organizada por jovens timorenses. Foi a primeira vez que tal aconteceu, após 14 anos de ocupação. Parece que a vigilância e a repressão, aliada ao isolamento, não foram muito eficazes. Claro que o General Suharto e toda a sua equipa, incluíndo o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros Ali Alatas, mobilizou todas as suas tropas para reprimir brutalmente os jovens e a população em geral. Como resultado destas acções, mais de 3000 jovens foram presos e alguns desapareceram.

Com o passar do tempo o espírito nacionalista foi crescendo e reforçando a unidade dos timorenses. O desejo de uma autodeterminação e independência tornou-se suficientemente importante para constituir o problema mais grave que a Indonésia tem que enfrentar em Timor Leste. Assim, o General Benni Murdani, o Ministro da Defesa indonésio, um dos arquitectos da invasão, fez novos planos de repressão, tonando-os prioritários.

As tropas indonésias recomeçaram as suas acções de intimidação no seio da população. Esta estratégia falhou, no entanto, e, por causa da força do desejo de autodeterminação e independência do povo, a resistência cresceu e consolidou-se. Em 17 de Janeiro de 1990 o embaixador dos UEA em Jakarta, John Monjo, visitou Dili. Nesta ocasião, jovens timorenses organizaram uma manifestação na qual exigiam um Referendo sobre a autodeterminação e independência do território. Cantaram canções da FRETILIN ("Resistir é vencer", "A vitória é certa"). Esta manifestação foi seriamente reprimida. Muitos dos jovens foram espancados pela polícia, outros presos e de novo alguns desapareceram. Esta manifestação enfureceu o General Murdani. Em Fevereiro do mesmo ano, numa reunião em Dili, declarou que mandaria matar camponeses e pessoas inocentes se algo semelhante acontecesse de novo. No entanto os jovens asseguraram que uma nova manifestação ocorreria em Setembro por ocasião da celebração do 50º aniversário da Diocese de Dili. Os timorenses têm força para lutar até atingirem o seu objectivo, que Timor Leste seja livre. É por isso que se continua a lutar neste país apesar do risco da própria vida. Por esta razão também a FRETILIN continua a resistir à ocupação indonésia ganhando cada vez mais apoio da população. "Resistir é Vencer" porque a "Vitória é certa". A partir de agora, a única solução justa para Timor Leste é o Referendo como aliás é determinado pelas Resoluções da ONU: "O Povo de Timor Leste deve poder exercer livremente o seu direito de decidir sobre o seu próprio futuro". O que a Indonésia procurou fazer ao longo de todos estes anos foi tentar incorporar e integrar o Território e o Povo de Timor Leste na República da Indonésia, mas só conseguiu que os timorenses e a opinião do mundo se manifestasse contra ela.

TIMOR LESTE NO CAMPO DIPLOMÁTICO

Embora as Convenções dos Direitos Humanos, o Direito Internacional e as Resoluções da ONU nunca tenham sido aceites e executadas pela Indonésia, nenhuma sansão económica ou militar foi implementada. Nunca ninguém parou de vender armas à Indonésia. Países como os EUA, a RFA, a Holanda, o Canadá, a França, a Jugolslávia, a Coreia do Sul e a Austrália, continuam a vender à Indonésia equipamentos que esta utiliza, na sua maioria, na guerra em Timor Leste nas contínuas agressões contra o povo timorense.

Surpreendentemente, a Austrália reconheceu a legalidade da presença Indonésia em Timor Leste em 1979 e iniciou negociações com a Indonésia acerca da exploração das jazidas de petróleo de Timor GAP situadas entre a Austrália e Timor Leste; isto apesar dos timorenses durante a II Guerra Mundial terem ajudado a Austrália na defesa da sua soberania com o custo de 40 000 vidas. Assim, a Austrália tornou-se um dos maiores apoiantes da Indonésia. É bom lembrar que a Austrália considerou que Timor Leste não tinha condições para ser um território independente por falta de recursos económicos!!! Este foi um dos argumentos mais fortes que a Austrália utilizou para se justificar e para justificar as suas posições incoerentes e egoístas.

Este acordo entre a Austrália e a Indonésia só servirá para piorar a situação do povo timorense porque o despoja dos seus recursos legítimos e encoraja cada vez mais o governo de Jakarta a aniquilar a resistência Maubere dentro do território e a agravar a situação de abuso dos direitos humanos. Nunca pensamos vir a ter que acreditar que o governo australiano colaborasse de tal modo na usurpação dos recursos do povo de Timor. Sempre pensámos que o povo australiano nunca aceitaria este vergonha.

A invasão do Kuwait pelo Iraque não é diferente daquela que a Indonésia cometeu contra Timor leste. Saddam Hussein usou métodos semelhantes. A única diferença é uma questão geográfica.

No caso timorense, as políticas dos países ocidentais encorajaram a Indonésia a permanecer orgulhosa das suas atitudes. Muitos destes países aprovaram agora resoluções contra o Iraque, incluíndo o uso da força militar, uma data limite para que o Iraque se retire do Kuwait, assim como um eficaz embargo económico.

Isto nunca aconteceu com a Indonésia!

Os timores estão chocados e escandalizados com a situação. O nível de agressão em Timor Leste foi semelhante, mas não houve resposta idêntica e com identica severidade. Compreende-se com isto que os interesses económicos são prioritários aos direitos dos povos. Mas os interesses também podem ser assunto de diálogo entre Timor Leste e as potências. O que parece é que as potências ocidentais querem ser donas do mundo. "Façam o que eu digo, não façam o que eu faço". Estes países liderados pelos EUA assumem claramente a sua arrogância. Nós, com isto, não queremos legitimar a invasão do Kuwait pelo seu vizinho Iraque, mas também devemos olhar para todos os casos semelhantes em que países mais fracos são invadidos por outros mais poderosos! Se Saddam se comportou erradamente então parece-nos que a ocupação da Palestina por Israel, o Sahara Ocidental por Marrocos, o Líbano pela Síria e Timor Leste pela Indonésia são igualmente errados. Nenhum país pode ser um alvo de invasão por vizinhos arrogantes. A integridade dos territórios deve ser respeitada e todos os conflitos envolvendo princípios semelhantes devem ser tratados de forma idêntica, senão as Resoluções das nNações Unidas são completamente inúteis.

Voltando à Indonésia vejamos como ela continua a impor os seus interesses a Timor Leste: transmigração forçada das populações, esterilização forçada das mulheres, controlo militar das pequenas aldeias estratégias... Mesmo assim as autoridades indonésias parecem não estar satisfeitas.

A TIMORIZAÇÃO DA GUERRA

Mil e quinhentos timorenses são treinados em Denpasar e Maleng - Indonésia, a fim de se juntarem ao exército indonésio nas suas operações no território. Este trabalho pretende constituir uma barreira humana defensiva para o exército em situações perigosas, na procura e passagem de informação para as autoridades, vigiando as vilas e aldeias e prevenindo a possível infiltração de guerrilheiros, procurando isolá-los da população. A timorização da guerra, feita pelas autoridades indonésias, já constitui uma estratégia antiga. Foi um dos seus primeiros objectivos mas tem falhado nos seus intentos. No entanto a Indonésia insistirá neste estratégia àté a julgar desnecessária. Ao mesmo tempo, os oficiais indonésios descobriram que não adianta tentar aliciar o povo para o seu lado. Têm que lhe dar armas e treiná-los, só assim poderão atingir os seus objectivos.



BATALHÕES MISTOS

Os batalhões indosésios 744 e 745 são tropas mistas, constituídas por indonésios e timorenses, que operam contra os guerrilheiros.

Em Dili, o número de soldados indonésios fardados ou à paisana, polícia secreta, funcionários e homens de negócios é sensivelmente igual ao número de timorenses. A sua tarefa é a de destruir qualquer manifestação pró-independência organizada pela resistência clandestina em Timor Leste. Durante a noite, eles patrulham vilas e aldeias, "sugerindo" às populações que devem estar contentes com a situação e que não devem fazer manifestações contra a "integração".

A PRESSÃO MILITAR SOBRE OS ESTUDANTES

Grupos especiais de soldados indonésios intensificaram a vigilância das instalações dos estudantes em Dili. Isto aconteceu depois dos estudantes terem protestado contra a manobra planeada pelo comando militar da Região IXKODAM/Udayana e a Igreja Católica de Bali para promover uma reunião pastoral, cujo objectivo era projectar e melhorar a imagem do regime e do ditador Suharto.

"**A Resistência de Estudantes Timorenses**" relatou que estudantes abandonaram abruptamente a reunião e tomaram um carro militar. Eles ordenaram ao condutor que conduzisse até Denpasar e cantaram um hino da FRETILIN "Folho Ramelau" e "Longa Vida para o Povo Maubere" pedindo ás pessoas que repudiassem a presença Indonésia em Timor Leste.

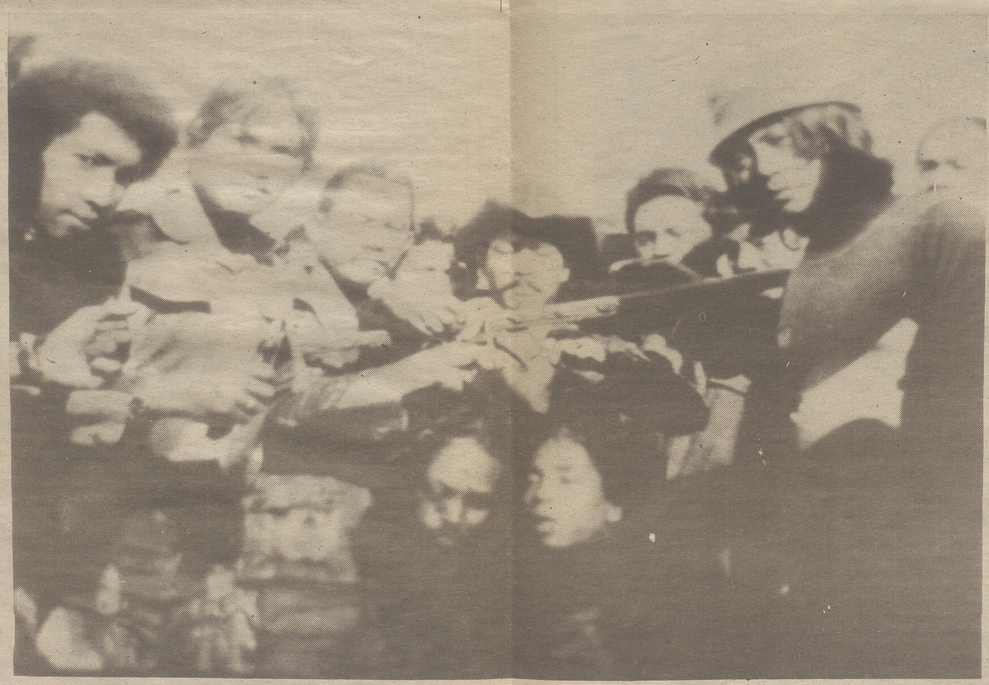
ASSALTOS MILITARES A ESCOLAS

Muitas escolas em Timor Leste foram assaltadas pelas forças indonésias.

Muitos estudantes têm sido feridos, presos e alguns têm desaparecido. O objectivo destes assaltos é capturar autoridades envolvidos na Resistência Nacional. As autoridades indonésias creem ser possível quebrar o espírito nacionalista nas escolas, contudo este permanece forte, sobretudo na única escola onde ainda se ensina em português: o Externato de S. José".

O Externato de S. José em Dili tem sofrido particularmente com a repressão.

Estevão Cabral,
refugiado timorense





SOLIDARIEDADE?

O MOVIMENTO CRISTÃO PARA A PAZ, agrupa cristãos que buscam uma sociedade de justiça e de paz, bem como não cristãos motivados pela mesma exigência de um mundo justo e solidário.

Luta contra todas as formas de violência, exploração e injustiça, contra as redes de opressão ideológica, religiosa, política, sexista, económica e cultural.

Preâmbulo da Constituição Internacional do MCP.



Timor leste foi uma colónia portuguesa durante cerca de 450 anos. Os laços culturais e históricos entre Portugal e Timor Leste são de facto muito fortes, o que permite a alguns especialistas afirmarem que a cultura timorense está tão longe da Indonésia como a cultura portuguesa da marroquina. É neste sentido que nem sequer o argumento de aproximação cultural serve para fundamentar a invasão e anexação do território.

Durante todos estes anos, a Indonésia procurou encontrar razões que justifiquem a sua agressão a Timor Leste, mas sempre sem conseguir convencer aqueles para quem os Direitos Humanos são a principal força de razão.

Timor Leste é, infelizmente, um caso exemplar de violação sistemática dos mais elementares Direitos da Humanidade e das Nações. Não só ocorrem inúmeros atentados à dignidade das pessoas e à terra dos timorenses, como também se desenvolvem, numa lógica esmagadora, numa sistemática ponderação dos fins: a anexação do território, pura e simples.

Creio que esta primeira ideia é importante para compreender que Timor Leste não é apenas um país ocupado e desventurado pela Indonésia: é-o implacavelmente pela lógica do expansionismo, do poder e da arrogancia dos países ricos e "democráticos" (?) que clamam agora no deserto, pela liberdade e independência do Kuwait.

Em Timor Leste, todos os Direitos Humanos são letra morta, ou até, mais do que isso, não existem.

O Direito à autodeterminação de um Povo é o primeiro destes direitos a ser negado aos timorenses. Depois, podemos enumerar infindamente um roteiro de todas as humilhações possíveis:

- Prisões arbitrárias
- Perseguições
- Tortura
- Fome
- Controlo dos nascimentos
- Desaparecimentos
- Censura
- Deslocamentos forçados das populações civis
- Aldeias estratégicas, ou seja, campos de concentração
- Imposição duma lingua e duma cultura
- Espoliação de bens e riquezas
- Exílio
- 200 000 mortos, um terço da população
- Indiferença

Mas gostaria de dizer que mais importante ainda, é a voz e a luta de todos e todas as nacionalistas, da resistência e do canto de todas e todos os que recusam a suprema condenação do silêncio e da hipocrisia, venha ela de onde vier.

É nesta força, arrancada do isolamento da ilha e da luta de Timor Leste, durante estes 15 anos de ocupação e guerra, que encontro sentido para a esperança e dignidade que este Povo tem sabido exigir. Povo para quem a solidariedade é tão séria quanto a própria vida.

tudo quanto à autonomia financeira. Aí joga-se o futuro da autonomia. Eu tenho dito e redito que nós não podemos interpretar a autonomia das Universidades dizendo: bom, as universidades têm autonomia, logo governem-se, aumentem as receitas próprias e diminuam os financiamentos estaduais.

C: A U.C. tem neste momento receitas próprias ?

R: Tem receitas próprias, sobretudo aquelas Faculdades em que a prestação de serviços à comunidade mais se pode verificar.

C: Que percentagem é que .....

R: Bem, eu não tenho, neste momento, dados precisos, cuja averiguação é, de resto, díficil . É no entanto, uma percentagem assaz pequena. Ela tem que ser aumentada, mas é fundamental destacar que o Governo não pode diminuir - pelo contrário! - o financiamento público às Universidades.

C: E no aspecto económico, o Governo tem apoiado este processo de Autonomia Universitária ?

R: É do conhecimento geral que as Universidades, por si mesmas e através do Conselho de Reitores, têm-se queixado das insuficientes dotações orçamentais. Eu, na alocução que fiz na Abertura Solene, mostrei claramente essas insuficiências, quanto à Universidade de Coimbra.

C: O que é que se pode fazer para alterar esse estado de coisas?

R: Bem, o que se pode fazer é reclamar mais verbas, como nós temos repetidamente feito e implementar um novo sistema de financiamento, o que está em estudo.

5. S.S.U.C.

C: Senhor Reitor, os Serviços Médico-Sociais não funcionam. O próprio Presidente da A.A.C., em entrevista ao nosso jornal, referiu que há uma perfeita incapacidade dos médico-sociais se restruturarem, referindo-se inclusivé a lobbies de forças.

R: Há exagero nessa afirmação. Mas há verdade nela. Eu posso dizer-lhe aquilo que disse na abertura solene, embora por outras palavras: nós vamos fazer uma reestruturação dos serviços médico-universitários, que é absolutamente necessária; lamento que isso tenha demorado mais tempo do que seria desejável; não tenho ainda nas minhas mãos o respectivo relatório, mas comprometo-me a que essa reestruturação seja agora feita.

C: Sendo um facto que a maioria do estudantes da U.C. vêm de outras terras, de outras localidades, o Problema Habitacional é uma questão premente. Assiste-se hoje em dia a situações aberrantes. O arrendamento de quartos é um negócio sem regras e por vezes sem escrúpulos....

R: Julgo que esse é um dos mais graves, se não o mais grave problema, que é posto aos S.S.U.C.. E não estou muito optimista. Quando defendi que o Pólo II devia ter 81 hectares, e me foi objectado, por entidades responsáveis, que não deveria ir além de 30 ou 40, uma das razões que eu invoquei para justificar a área proposta foi precisamente a necessidade de essa área incluir terrenos para habitação estudantil. Mas realisticamente digo, isto não é uma coisa para hoje, não é uma coisa para amanhã, vai efectivamente demorar muito tempo até que o problema da habitação estudantil esteja resolvido. Entretanto vamos fazendo o possível, e no meu reitorado, por exemplo, inauguraram-se duas amplas e excelentes residências. Uma ideia que estamos a activar, e que é interessante referir, é a de sensibilizar as Câmaras Municipais para a construção de habitações para os naturais dos respectivos concelhos. Já foram enviados a todos os munícipios ofícios no sentido de sensibilizar as Câmaras para as vantagens desta ideia.

C: Parece-me utópica.

R: Sim, mas alguma coisa se fará. Preciso é começar.



6. A.A.C.

C: Que tipo de apoio presta a Reitoria à A.A.C. ?

R: Bom, eu não tenho uma visão economicista da Universidade; e muito menos da A.A.C.. Penso, e é um facto geralmente reconhecido, que, como Reitor, sempre tive um bom relacionamento com todas as D.G. da A.A.C.. Julgo, aliás, fundamental para a resolução dos problemas académicos e estudantis um bom relacionamento entre a Reitoria e a A.A.C., associação que, como tenho repetidamente dito, é um caso ímpar, a nível nacional e mesmo a nível internacional. Não é naturalmente uma condição suficiente, mas é una condição necessária. Isto é algo mais importante que o dinheiro, exprime uma perspectiva da Universidade,que eu considero fundamental. Mas é claro que o dinheiro é preciso, e a Reitoria tem garantido dotações à D.G./A.A.C., às Secções e aos Organismos Autónomos. Dotações que bem gostaríamos de ver aumentadas e faremos o que for possível nesse sentido. Reconheça-se, aliás, que essas dotações são frequentemente reforçadas com subsídios atribuídos para iniciativas de variadíssima natureza.

"Lembro que, nas III Jornadas Pedagógicas, eu disse que havia, como aliás acontece muitas vezes no nosso país, excesso de diagnóstico e míngua de terapêutica".

C: O Museu Académico, ao que tudo indica, vai ser uma realidade. Porque demorou tanto tempo a sua abertura ?

R: A história do Museu Académico tem décadas.... Mas depois do protocolo assinado em Dezembro passado, a realidade é outra e as coisas vão avançar. Se me pergunta porque é que demorou tanto tempo, eu diria que isso equivale a perguntar de quem foi a culpa. Ora culpa é algo referido à apreciação do passado, e para mim é mais importante o futuro. As responsabilidades, como acontece nestes casos, são de muita gente, de muitas circunstâncias....

C: Porque é que o Regulamento do Estádio Universitário, que foi aprovado em Fev. de 89, só entrou em vigor a 17 de Julho 90, com a tomada de posse da actual Comissão Directiva ?

R: Ora bem, houve realmente numerosas questões, que foram por mim naturalmente seguidas, como Reitor , se bem que o assunto tivesse sido directamente acompanhado por Vice-Reitores, com grande empenhamento e sensibilidade.

C: Mas sendo um regulamento tão importante, porquê tanto tempo ?

R: Bem, ouça, isso signi-

fica que houve, de facto, grandes divergências; houve necessidade de as superar, o que não foi fácil.

C: E que divergências foram essas ?

R: Divergências quanto a objectivos e modos de gestão, e até divergências pessoais. Enfim, divergências que fizeram com que este processo não tivesse o andamento desejado. Mas julgo que estão ultrapassadas.

7. 7.º Centenário

C: O que é que se fez, e o que é que não se fez, em relação às Comemorações do 7.º Centenário ?

R: Como é sabido, a preparação do 7.º Centenário começou tarde. Porquê ? Bem, sabe-se que esta questão do 7.º Centenário levantava dificuldades ligadas a querelas sobre a fundação da Universidade. Eu julgo, sinceramente, que contribuí, talvez mais do que qualquer outra pessoa, para que as querelas fossem ultrapassadas, e acabasse por não haver guerra, e só uma ou outra escaramuça. Teria muita coisa que contar sobre isso, talvez um dia o faça. Mas também aqui optei por atitudes discretas, que julgo se mostraram eficazes. E é de justiça enaltecer, entre outros, o comportamento dos orgãos de soberania: Presidente da República, Assembleia da República e Governo. Mas uma coisa tem que censurar-se: a clara insuficiência de verbas.

C: Senhor Reitor, sente-se satisfeito com o que têm sido as Comemorações do 7.º Centenário ?

R: Eu sinto muitas vezes insatisfação pelas coisas que faço, que são frequentemente menos do que aquilo que eu gostaria de fazer. Quanto às Comemorações do 7.º Centenário, há razões, como disse, que explicam essa minha insatisfação. Mas também lhe digo que não está dita a palavra definitiva. Ainda não está encerrado o ciclo de celebrações, nem ele será encerrado no próximo dia 1 de Março. O limite temporal das comemorações, pela própria natureza delas, não está rigidamente fixado. Muita coisa de importante se fez - não posso fazer aqui o balanço - e ainda se fará.

FOTOS DE

TERESA GOMES

C: O Senhor Reitor, durante a Abertura Solene durante a nossa conversa, disse: "devemos ter Saudades do Futuro ". O que é ter saudades do futuro ?

R: Gostaria de ter sido o autor dessa frase, mas não fui. Como referi, ao proferi-la, foi um poeta quem a disse. Eu prezo muito o passado, tanto mais sendo Reitor de uma Universidade que tem 7 séculos. Mas entendo que devemos celebrar estes sete séculos não com um sentido passadista, mas com um sentido actualista, e portanto olhando o passado com os olhos postos no futuro. Não devemos comemorar os 700 Anos tendo saudades do passado, mas olhando para a frente, desejando o futuro e a antecipação dele - tendo assim, como dizia o poeta, "saudades do futuro".





CABRA: Magnífico Reitor, para terminar esta nossa longa conversa, pedia-lhe que fizesse um auto-retrato

REITOR: !!... É muito difícil fazer um auto-retrato, até porque, como dizia alguém, quem fala de si próprio, mente. Eu prefiro que sejam os outros a falarde mim; não devo ser juiz em causa própria. Em todo o caso, e mesmo porque não quero deixá-lo mal colocado, e sem resposta a essa sua pergunta, sempre lhe direi duas coisas.

Primeiro: Quem ler com atenção a entrevista já conhecerá um pedaço de mim. Segundo: Sem procurar, nem de perto nem de longe, definir-me a mim próprio, eu diria que sou uma pessoa que tem, que julga ter, um sentido de humanidade - de compreensão das pessoas e das coisas. Acho que, até por formação, tenho um pensamento abstracto, mas procuro ser um homem concreto - que atende ao concreto, às pessoas e situações, na sua individualidade. É por isso, ou também por isso que me considero um homem de consenso, de tolerância e de diálogo.Gostaria de lembrar que, ao tomar posse, pela primeira vez, como Reitor, em 1982, afirmei que, sem cair na inguenuidade da harmonia universal, iria procurar alargar as áreas de consenso na Universidade. É o que sempre tenho procurado fazer. Não é a mim que me compete dizer se o consegui.

GOETHE INSTITUT

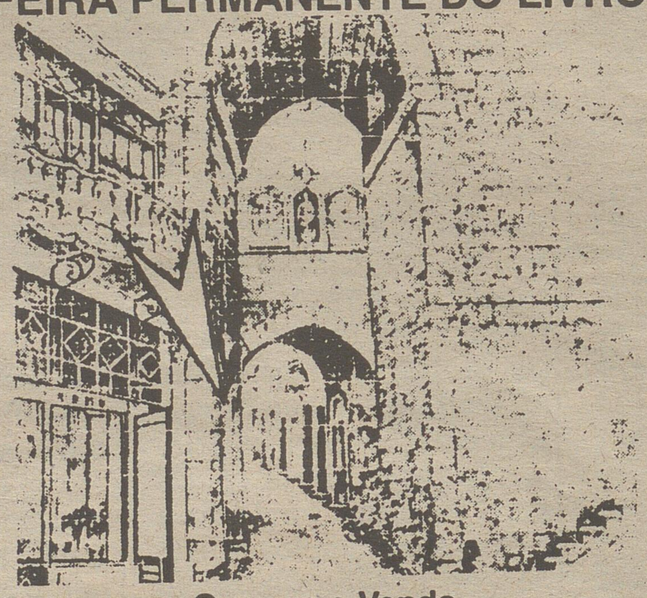
COIMBRA

APRENDA ALEMÃO NO "GOETHE"

INSTITUTO ALEMÃO

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 21 - B
3000 - COIMBRA
TEL: (039) 26925

FEIRA PERMANENTE DO LIVRO



Compra e Venda
Livros novos, usados, antigos, curiosos e velhos.
Postais, mapas, revistas, jornais, etc.
5 Anos ao serviço da cultura
ARCO DA ALMEDINA, 33 - 35 COIMBRA

Teatro Académico de GIL VICENTE



AO SERVIÇO DA CULTURA

☎ 29372/29474

ESTA NA HORA CARTÃO JOVEM



INSTITUTO DA JUVENTUDE – CARTÃO JOVEM – R. BRAAMCAMP, N.º 15-3.º Esq.º – 1200 LISBOA

VIAGEM A CANNES

(A preencher em letra de imprensa)

NOME | | |

FESTA DAS LATAS E IMPOSIÇÃO DE INSÍGNIAS - AUTÓPSIA INSTITUCIONAL



A ATITUDE DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO, POR DECORRÊNCIA DA PRECARIDADE DA SUA MEMÓRIA HISTÓRICA, RADICA NA LINGUAGEM DOS SÍMBOLOS INCONSCIENTES E APRIORÍSTICOS, POSICIONAMENTE COMODISTA DE CERTAS MAIORIAS MAL HABITUADAS A COLHEREM NO PRINCÍPIO DA ORALIDADE MÍTICOLENDÁRIA DOGMAS DE PRAXE TRANSCENDENTE, O QUE NOS LEVA A CONCLUIR SEREM IDÊNTICAS AS LEITURAS DO CAMPÓNIO RÚSTICO E DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO NO QUE TOCA ÀS CULTURAS TRADICIONAIS.

Aliando a inquietude colhida em Lucien Febvre e Marc Bloch às simpatias hiper-críticas de Ramalho Ortigão, a partir de 1986-87 abrimos a primeira grande brecha no entendimento tradicional/geral, partindo da ideia de que a Praxe, enquanto manifestação cultural e objecto de estudo, mereceria uma abordagem mais consciente, não empírica, antes vazada em moldes sócio-antropológicos, logo não mais entendida como privilégio de escassa meia dúzia de sacerdotes, porquanto cultura extensível à esfera do estudante comum, também ele capacitado para conscientemente falar destes assuntos. O trabalho de campo, aliado à pesquisa documental veio permitir desde logo uma ruptura definitiva com o entendimento comum, cujo resultado imediato se traduziu na emergência de inimizades e incompreensões em frentes várias.

1988: DA RECEPÇÃO À FESTA DAS LATAS

Quando em 1980 a DG da AAC promoveu a chamada Semana de Recepção ao Caloiro, no âmbito da revitalização das tradições académicas, ninguém curou de saber se tal "festa" tinha raízes históricas/etnográficas que apontassem algum indício de regionalidade. Em suma, ao transpôr-se para Coimbra uma festividade de tradição eminentemente lisboeta e portuense, haveria que tentar saber até que ponto tal fenómeno mimético poderia servir os interesses culturais da Academia (partindo da ideia de que nenhuma sociedade é estanque à permuta), uma vez que não foram desencadeados quaisquer processos de regulação social; é que, ou se passava a condensar numa semana, algures do mês de Novembro, todas as práticas de iniciação e emancipação referentes a caloiros (antes e depois dessa semana não existiria qual-quer tipo de praxe iniciática e daríamos razão à pertinência existencial da Semana de Recepção) ou, atendendo às linhas de força da praxe tradicional teríamos de contestar o espírito e o conteúdo de tal semana, totalmente em conflito com um período de vigência de praxe, quase anual, o qual dita a emancipação dos caloiros com a chegada dos rituais de Maio.

Em Agosto/Setembro de 1988 abordámos a questão no Jornal de Coimbra, para em Outubro seguinte exigir da então comissão de festas, presidida por Emídio Guerreiro, não só a alteração da nomenclatura, como também a tentativa de elaboração de uma festa nova, pretendida como diversa e autónoma relativamente à Queima.

Fosse por pobreza de espírito ou incapacidade de apelo ao código do novo, a recepção afirmara-se deste o primeiro vagido como plágio directo à Queima, com a mesma serenata na Sé Velha, com o mesmo sarau, com o mesmo cortejo de terça-feira, e o cartaz, esse troçava de toda e qualquer criatividade, apontando para a iconografia Walt-Disney de morto convencionalismo, plasmado na figureta do caloirinho do futriquismo liró, especado, de maletas nas manápulas, ao fundo das monumentais a cismar parolamente com a torre. Era tempo de repensar a estrutura da festa, a qual ia exactamente ao encontro de certas atitudes pós-modernas, aliás sebentas de um passado sem passado.

Das várias expressões sugeridas foi seleccionada a de Festa das Latas e Imposição de Insígnias, colhida no In Illo Tempore de Trindade Coelho. Além de variados textos informativos distribuídos aos estudantes, justificando as razões e fundamentos da substituição, fizemos publicar escritos no Diário de Coimbra, com destaque para os de 30/11/88 e 19/10/89.

1989: A RECAÍDA MORTAL

A introdução de práticas novas, articuladas com a ordem social tradicional saldou-se positivamente no surgimento dos Jogos Tradicionais Académicos (da lavra de João Frederico, co-autor do novo Código da Praxe), em 1988, bem como da Benzedura de Insígnias, em 1989 (Paulo Gonçalves e António Nunes, como responsáveis). Tudo parecia apontar o bom caminho, quando a DG/89, presidida por José Viegas, ante o espanto e desilusão de todos os que haviam labutado por uma festa nova, de gesta coimbrã, entendeu recuperar "a tradicional recepção" (sic), "gravemente aviltada pela DG/88". Acto que em nada beneficiou a cultura académica, e que hoje sabemos motivado por questões de índole política: no entendimento da DG/89, a "tradicional recepção" seria o válido projecto da juventude socialista, por natural contraposição à social democrata Festa das Latas!!

Tal forma de agir, típica de quem está habituado a confundir politiquice com cultura motivou-nos um virulento escrito do Diário de Coimbra, o qual teve o condão de corroer certas fístolas.

No presente ano de 1990 retomou-se a Festa das Latas e Imposição de Insígnias, já sob a alçada do Conselho de Veteranos, mas infelizmente confundida com uma festa diferente e autónoma que dá pelo designativo de Tomada da Bastilha.

A DG/90, no seu Boletim Informativo nº 7, de 12/12, pág. 2, tece louvores à organização ocorrida entre 22 e 27 de Novembro, a que chama "tradicional festa".

A DISSECAÇÃO DO PROGRAMA 1990

Leitura bem menos optimista foi a da Tertúlia Académica Praxis Dixit, grupo que teve a ousadia de promover um debate público, no qual participaram alguns estudantes interessados, no intuito de saber se o actual programa de festa serve o interesse dos estudantes.

Conclusões, uma vez dissecado o programa e lido o Boletim:

- A Festa das Latas visto ter surgido em 88, não é tradicional. Não pertencemos aos grupos que vislumbram tradição ou cheiro de tradição em tudo o que fala ou sugere Coimbra. A Festa das Latas neste momento é tão tradicional, quão tradicional é o mobiliário novo do bar da AAC!
- Os estudantes vestiram capa e batina. Nisto concordamos: era festa e a fardeta hoje é assumida como trajo de gala.
- Os estudantes vieram à rua dar as boas vindas aos caloiros: raciocínio torturoso, se tivermos em consideração que ainda os paraquedistas pululavam nas bichas da Secretaria Geral da U., e já estavam submetidos aos ritos iniciáticos, isto no mês de Outubro. Se a taberna do Pratas, as touradas no Leão, as minilatadas, os baptismos, os discursos burlescos, as troças, as trupes, as caçadas no Botânico e os julgamentos não cabem nesta Festa das Latas (por não darem as boas vindas), coisa que a latada parece oferecer, então que rituais são esses? Rituais de ajuridicidade?

A latada é um ritual burlesco de iniciação, exposição ou troça pública do noviço/novato alicerçado em velhas penas infamantes, as mesmas que por exemplo no século XVI mandavam expôr publicamente a esposa adúltera, tonsurada e escarrapachada num burro, com vestes do avesso. Chamar boas vindas à latada é dizer, à maneira do Diário de Coimbra, que o cortejo da Queima constitui "o tradicional abraço à cidade"!

- Civismo e serenata repleta de ansiosos pelo início da recepção: cada vez mais são os estudantes e artistas académicos a defenderem o fim do festival roqueiro da Sé Velha, com seus charros, suas garrafas, suas bebedeiras, berreiros e curtições boé nice. A deste ano bateu os recordes o que gerou admoestações do Conselho de Veteranos, durante o sarau. Mas deverão os festejos iniciar-se com uma serenata? Se sim, porquê na Sé velha? a não ser que se busque uma miniqueima...
- Baile/Chá do Caloiro, iniciativa inédita: quem dera! Foi retirado dos programas da Queima. E se lhe quiserem chamar baile, também não é coisa nova - entre 1945 e 1949, os caloiros organizaram cinco bailes no ginásio do liceu D. João III, até que o Conselho de Veteranos os proibiu em 1949.

- Que o sarau se prolongue até ao despontar da aurora, nada contra. Recomendamos, todavia, maior e aturado trato selectivo de artistas, pois tanto lixo em cima do palco começa a tornar-se indigesto.

Vivido, lido e discutido o programa, bem como a estrutura da Festa das Latas, a Tertúlia Praxis Dixit, sugere o seguinte organigrama, cujas datas, espaços e designações, embora repensadas, poderão enriquecer-se num programa cultural-desportivo mais rico, senão mesmo complementado por ideias novas e diferentes:

Proposta: (data não fixa, finais de Outubro, inícios de Novembro)
Designação: Festa das Latas e Imposição de Insígnias

Domingo
-12.00 horas: Missa Solene do Espírito Santo (na Capela da Universidade, consignada nos Estatutos, de abertura das aulas, origem medieval, comum a outras Universidades, como Louvaina).
-14.00 horas: Oiteiro Poético-Poético Musical (na Sala dos Capelos, tradição muito antiga, famosa com Almeida Garrett. Música medieval e renascentista com La Batalla, Ars Musicae, etc; Declamação poética a cargo de Aurelino Costa, Vasco Pereira da Costa, etc. Homenagem a um artista de vulto, por exemplo, Eunice Munoz)
-17.00 horas: Festival de Etnografia e Folclore/o canto, a dança e o trajo. (Gil Vicente, com o GEFAC, Rancho da Casa do Pessoal da U., outros).
-22.00 horas: Festival Piropope Pavilhão dos Olivais, Quim Barreiros, outros).

Segunda
-14.00 horas: Demanda do Senhor Doutor (Rali paper).
-16.00 horas: Pulhas das Faculdades (nas escadarias da Sé Velha, ou nos átrios das Faculdades com auxílio de megafone. Inspirado num costume popular, o dizer mal do governo, da junta de freguesia, do prior, dos amantes, etc. Dado que a latada tem perdido o seu carácter de intervenção/contestação, cada Faculdade elaboraria um texto de maldizer para lançar a público).
-18.00 horas: Cerimónia Solene de Apadrinhamento dos Caloiros (no Largo da Feira, Sé Nova); Tourada dos Caloiros (no mesmo local); Procissão das Velas, Mudança do Sagrado Corno, Exposição do Corno (do Largo da Feira para a sala de estudo da AAC, transporte em ataúde, costume de inspiração popular, baseado nos julgamentos, enterros e queimas, de Judas, Velha, Bacalhau, etc., aos quais preside uma intenção crítica).
-19.00 horas: Julgamento da Sebenta (no Jardim da AAC, Sebenta ou outro elemento simbólico de contestação, inspirado nos julgamentos populares de Carnaval e Páscoa).
-21.30 horas: Sarau de Gala dos Quartanistas (Gil Vicente, outro espaço alternativo).
-23.00 horas: Serenata (escadarias da Sé Nova).

Terça
-10.30 horas: Imposição de Insígnias (escadarias da Via Latina); Benzedura das Insígnias; Cortejo e Apanha do Grelo (Mercado Municipal); Manguito ao Mata-Frades (Largo da Portagem).
-14.30 horas: Latada das Ganadarias Académicas; Baptismo e Banho Santo no Basófias.
-19.00 horas: Banquete de Gala dos Quartanistas (por exemplo, nos Claustros Gerais da Faculdade de Direito).
-22.00 horas: Baile dos Cornos (ginásio do liceu José Falcão).
-23.00 Serenata (largo da Torre de Anto).

Quarta
-14.30 horas: Desfile Fluvial no Mondego (espécie de desfile histórico, em barcos engalanados); Regata Interuniversitária.
-17.00 horas: Jogos Tradicionais Académicos (Jardim da AAC, outro espaço alternativo).
-20.00 horas: Jantar dos Veteranos (por exemplo, ou outros grupos).
-21.30 horas: Campeonato de Danças de Salão.
-24.00 horas: Serenata (nas escadarias da Via Latina).

Certas posturas da comissão de festas foram, para nós, ininteligíveis. Falamos do Raly Pedy Tasca, um plágio infeliz aos ralis das tascas com larga tradição em Universidades como Évora, Covilhã e outras. O programa que ora sugerimos, não será o mais feliz. De fora ficaram várias outras sugestões, também elas válidas: encontro de tunas, encontro de coros, concerto de guitarras de Coimbra, exposições de pintura e escultura, teatro, etc.

Aliás defendemos a ideia de que todos os organismos académicos, os diversos grupos activos e as secções deverão elaborar um programa-proposta; da leitura e estudo de todas as propostas nascerá um programa novo, certamente rico, que satisfaça os anseios da geração do presente.

A SUBSTITUIÇÃO DA TESE TRANSCENDENTALISTA

À Sociedade Académica Coimbrã já não subjazem as estruturas nem os etnemas que lhe conferiram ao longo de séculos a marca da tradicionalidade. E logo, a atitude do estudante, enquanto sujeito activo e agente, será a de interrogar-se sobre este estado de coisas, na tentativa de preservar e dar continuidade a uma herança cultural válida. Simplesmente não será aceitável que um estudante do ensino superior acredite na revelação divina destas coisas, talqualmente o nosso camponês da província acredita de boa fé que um corno espetado na parede da pocilga afasta o mau olhar da vizinhança, que poderia recair sobre o leitão de engorda, e que essa tradição do corno seja imemorial. Ensinou-nos a Escola Histórica dos Annales que o fim da história-croniqueta, amálgama de datas, o enfião de reinados e heróis, a apreensão fragmentada da realidade tinha os dias contados. É esta a nossa posição; daí que obras de chacha como o álbum de cartazes da Queima, editado em 1987, com texto de Sofia Nogueira, seja mais uma dessas croniquetas confusas, enfião de datas incertas, privilegiando os factos desinseridos da tentativa de leitura e apreensão das épocas e contextos em que foram gerados. Quando surgiu um baile de gala ou uma garraiada? porquê? que grupos de estudantes apadrinharam o projecto? qual a atitude das váriás gerações seguintes ante tais rituais?

A leitura global do passado tem o condão de permitir melhor compreender o presente e mesmo sugerir um certo futuro, permitindo obviamente a correcção de algumas subversões. Exemplo: na sua evolução o trajo académico abandonou o uso do chapéu tricórnio, na transição do século XVII para XVIII, em favor da gorra de pescador. Uma vez que tal gorra desapareceu por inadequada cultural e esteticamente, o nosso conhecimento histórico dos elementos do trajo sugere a recuperação (descomplexada, à semelhança dos estudantes da U. do Minho) do tricórnio, sobretudo tendo em conta que a capa e batina não é mais um trajo de uso diário. Os exemplos multiplicam-se, numa história rica de 700 anos.

Isto para dizer que findou o tempo do praxista-analfabeto, devoto do praxismo empírico-factual, dogma de fé revelado, verdade mítica da pitonisa que bafeja benevolamente a Comunidade Académica.

Ainda, nesse ano de 88 propusémos à comissão de festas a hipótese de fragmentação da latada por Faculdades, a concretizar à medida que fossem abrindo as aulas em cada Faculdade, acto que desoneraria a D.G. da A.A.C. de encargos que na realidade cabem aos Quartanistas-Grelados. Sabemos que tal proposta vai ao encontro de posições como as de Quim Reis e Pedro Cabral (actual Dux Veteranorum).

A geração de 1980 fez o que lhe pareceu mais acisado, dentro dos condicionalismos históricos e sócio-políticos da época. Cabenos aproveitar os aspectos positivos dessa festa, moldando-os à medida dos nossos anseios.

O debate está aberto. As cartas estão na mesa.

António Nunes



BOLSA DE FORMADORES

A Delegação Regional do Centro do Instituto do Emprego e Formação Profissional selecciona para a sua bolsa de formadores

FORMADORES

Nas seguintes áreas:

Qualidade Industrial
Marketing
Comércio Externo
Administração de Pessoal
Secretariado
Higiene e Segurança
Economia
Relações Públicas
Gestão Financeira
Contabilidade
Informática
Novas Tecnologias
Segurança Social

Os candidatos deverão possuir:
Habilitações Académicas e experiências pedagógica compatíveis com a área a que se candidatam
Oferece-se:
Compensação horária de acordo com o *Curriculum* e formação a ministrar
Os interessados devem enviar *Curriculum Vitæ* detalhado para a Delegação Regional do Centro do Instituto do Emprego e Formação Profissional
Av.ª Fernão de Magalhães, 648 - 3000 Coimbra

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PRELÚDIOS SÁDICOS



"There is no such thing as a moral or an immoral book. Books are well, or badly written. Thats is all."

1. Sadismo é uma comum palavra do nosso vocabulário. Porém, a personagem que está na sua origem - SADE - permanece no obscurantismo. O Psiquiatra Austríaco Krafft--Ebing foi o primeiro a defender a origem da palavra sadismo de Sade, no seu estudo "Psycopathia Sexualis" (1886).

Mas, afinal, quem foi Sade?

Donatien - Alphonse--François, marquês de Sade, nasceu em 1740 no seio de uma prestigiada família aristocrática. É em 1763, data do seu matrimónio com a Srª De Montreuil, que Sade se envolve num primeiro escândalo sendo acusado por uma prostituta da sua libertinagem. A partir daí conhecem-se-lhe diversos casos de libertinagem, que o encaminham a constantes prisões (Sade viveu cerca de 30 anos na prisão), onde escreveu grande parte da sua obra. Exemplo disso será o do célebre livro maldito "Os 120 Dias de Sodoma", escrito no cárcere da Bastilha.

A obra literária deste escritor foi amaldiçoada no seu tempo. Não a podemos conhecer na sua integralidade devido aos bons ofícios da polícia que apropriando-se de manuscritos seus, os queimou após a sua morte. Também o seu segundo filho destruiu parte da sua obra. Mas ainda nos resta "Os 120 Dias de Sodoma", "A Filosofia na Alcova", "Crimes de Amor", "Isabel da Baviera", entre muitos outros.

Hoje não se poderá dizer que Sade é um autor totalmente desconhecido. Os valores, a moral, já não são dogmas inabaláveis, pese embora uma onda de recrudescimento de um falso puritanismo cujos eventos mais recentes foram o da proibição na cadeia de televisão - MTV - do "vídeo-clip" de Madona "Justify my Love" realizado por Jean-Baptiste Mondino e o de uma "comissão" pretender abolir do ensino liceal o estudo de livros supostamente imorais, formulando-se até uma "lista negra" na qual se inclui "O Retrato de Dorian Gray" de Oscar Wilde

.Amigos meus consideram que a crítica é uma inutilidade. Não querendo, agora, aprofundar tal consideração, irei tão--somente revelar o seu papel na divulgação do autor em análise. Quando Sade passou a ser estudado e elogiado por reputados intelectuais como Bataille, Simone de Beauvoir, Appolinaire, G. Lely, tendo este último advogado a tese de Sade como precursor de alguns pilares das teorias Freudianas, surgiu um repentino interesse pela leitura de Sade. Por seu turno, outros estudiosos cerceiam com as suas críticas uma análise objectiva de Sade. Impera uma crítica impressionista, isto é, aquela que se funda num mero gosto pessoal do crítico. Atente-se nas palavras de Francisco José Viegas: "Não é agradável este espectáculo. Não é moderadamente honesto como discurso."; (revista "Ler", Verão 1989). Nesse mesmo texto Viegas fala em pornografia e em erotismo indistintamente, levando-nos a questionar se para ele não há fronteira entre o erotismo e a pornografia.

2. Sade é um escritor do erotismo. É um contestátario, que recusa pactuar com os valores morais e éticos do seu tempo. Simboliza a decadência de uma aristocracia tão arreigada a valores morais, a um puritanismo castrense. Por detrás da fúria e revolta presente nos seus escritos, deve-se pensar no facto de estes terem sido na sua maioria escritos na prisão. Por detrás da sua libertinagem, há que ver um homem revoltado com uma sociedade (Séc. 18) hipócrita, onde sob a aparência da virtude se esconde o vício.

O mundo de Sade é aquele em que impera a carne, a volúpia, o prazer e o crime e, consequentemente, se elimina a religião, a bondade, a moral e os costumes.

O amor também é repudiado: "O amor a meu ver não passa de uma fraqueza", conforme se afirma em "ISABEL DA BAVIERA" (1813), obra que foge ao carácter erótico de Sade. É um livro eminentemente histórico no qual Sade pretende relatar a verdadeira história dessa figura tenebrosa que foi Isabel, Rainha da França (Séc. 14). Sade considera-se o único capaz de reproduzir com fidelidade todos os factos que ensombram Isabel, pois que para além de se socorrer de várias fontes, consultou os arquivos no convento dos frades Cartuxos em Dijon - fontes essas mais tarde destruídas - no qual constava o interrogatório de Bois-Bourdon, amante de Isabel, que foi condenado à morte. Trata-se de um livro onde as intrigas e crimes perpetrados por Isabel despertam algum interesse, mas após algum tempo tornam a leitura demasiado monótona, sem ritmo, não obstante os comentários de Sade aos factos apresentados.

A obra de Sade está repleta de repetições, de personagens e ideias estereotipadas.

Dois vectores sempre presentes são a dicotomia virtude/vício e a questão religiosa.

Quanto ao primeiro aspecto, poder-se-á dizer que as personagens em Sade se caracterizam e desenvolvem consoante as suas condutas se pautem pela virtude ou pelo vício, como por exemplo quando retrata Carlos VI em "Isabel da Baviera" - "Resumia todas as virtudes dos seus antepassados, sem possuir nenhum dos seus vícios"; ou Isabel (sua esposa) - "...possuindo, enfim, todos os vícios e nenhuma virtude que os resgatasse."

Na novela "EUGÉNIE DE FRANVAL" incluída nos volumes "OS CRIMES DO AMOR" (editados em 1800), o Sr. Franval afirma: "...pretendo a derrocada da virtude." Esta novela representa, na minha opinião, uma das suas obras mais conseguidas. A sua escrita é extremamente coloquial, havendo uma extraordinária concisão linguística aliada à beleza estética. Tratando-se da história de uma relação incestuosa, Sade descreve-a com pinceladas de ternura e sentimento conduzindo-nos a uma simpatia pelas personagens.

Assim, a virtude é uma das condenações mais ferozes feitas por Sade, contrabalançando esta com o elogio das condutas viciosas.

Esta dicotomia virtude/vício patenteia-se inequivocamente em "OS INFORTÚNIOS DA VIRTUDE" (1787) a que Sade concedeu três versões. Em traços largos, a narrativa desenvolve-se sobre os percalços de duas meninas: Justine (13 anos) e Juliette (15 anos). Filhas de um rico comerciante e educadas num convento, encontram-se entregues ao destino quando seu pai sofre uma ruína comercial e foge para a Inglaterra e a sua mãe morre uma semana após esta fuga. Expulsas do convento seguem caminhos diferentes percorrendo Juliette os caminhos menos aconselháveis a uma donzela pelo que veio a ser Condessa de Lorsange. Justine procurando ajuda e auxílio mas não renunciando à honra, virtude e moral cristã, tornou-se vítima da maldade humana. Reencontrando-se mais tarde, quando Justine era conduzida pela polícia e não se reconhecendo, Justine conta a sua história, constituindo esta o tema do livro. Note-se que esta técnica literária - a da história de uma pessoa contada a alguém, em regra na primeira pessoa - é muito frequente em Sade.

Quanto ao aspecto da religião, cumpre destacar uma repugnância atroz pelos seus princípios e também pela sua essência. Neste âmbito refira-se "DIÁLOGO ENTRE UM PADRE E UM MORIBUNDO" (1782), onde se desenrola uma conversa sequiosa em demonstrar a inutilidade da religião. Há uma apologia do ateísmo. No fundo, Sade condena e pretende eliminar todos os obstáculos a uma absolutização dos instintos, a uma vida desregrada. Para além da crítica a Deus e à religião, Sade denuncia a conduta tirana dos seus representantes, os eclesiásticos. A crítica à religião é ilustrada com argumentos de pendor filosófico e recorre, frequentemente, a exemplos históricos.

"A FILOSOFIA NA ALCOVA" (1795), tendo como sub-título "OS PROFESSORES IMORAIS. DIÁLOGOS DESTINADOS À EDUCAÇÃO DAS JOVENS", é uma das obras mais licenciosas de Sade. Em termos de composição literária, divide-se em sete diálogos precedidos de uma dedicatória aos devassos. Relata-nos a aprendizagem (teórico-prática) da jovem Eugénie no mundo do prazer, tendo como professores a Mme Saint-Ange, de raciocínio rudimentar e Dolmancé que prima por uma intelectualização das suas exposições. A aprendizagem é entrecortada por considerações filosóficas e defesa de princípios, sendo particularmente relevantes os do quinto diálogo onde à pergunta de Eugénie acerca da importância dos costumes numa nação, um personagem lê um panfleto: "Franceses, Mais Um Esforço Se Quereis Ser Republicanos". Nesse texto, provavelmente escrito por Sade antes da elaboração do livro, retoma-se a crítica à religião, chamando-se Cristo de vigarista e Nossa Senhora de prostituta. A segunda parte desse panfleto versa sobre os costumes da sociedade francesa, nele se encontrando sinais do humanismo (tão ausente em Sade) ao criticar a pena de morte, que julga só ser digna de carrascos e imbecis.

"OS 120 DIAS DE SODOMA OU A ESCOLA DE LIBERTINAGEM" (1785) é considerada a obra-prima de Sade por alguns estudiosos da sua obra. Reconheça-se, contudo, a sua fragilidade em termos literários, sobretudo comparando-a com as suas novelas e contos, sem dúvida, mais equilibrados e bem escritos. É composto por uma introdução e quatro partes, estando apenas a primeira concluída, onde se narram inúmeros casos de perversões sexuais que sob a cadência da leitura assumem um crescendo de ferocidade. Reconhecendo o carácter desta obra, Sade adverte o leitor para a sua "narrativa impura". A depravação sadiana é extremada nesta história em que aos quatro personagens centrais - um duque, um bispo, um juiz e um financista - se multiplicam outros personagens, parecendo ser uma fonte inesgotável a imaginação delirantemente perversa de Sade.

Quando ler Sade, lembre-se destas suas palavras: "DIRIJO-ME SÓ ÀQUELAS PESSOAS CAPAZES DE ME OUVIREM".

J. M. Enes Rodrigues

C I T A C

Breve Historial

O Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra - CITAC -, é organismo autónomo da Associação Académica de Coimbra desde Fevereiro de 1965 e desenvolve a sua actividade em diversas áreas de âmbito teatral:

- Curso de Iniciação ao Teatro
- Montagem e apresentação de espectáculos experimentais
- Formação de actores
- Divulgação de conhecimentos e épocas fundamentais do teatro

Entre 1959 e 1979 o CITAC levou a efeito a organização de 14 CICLOS DE TEATRO, assumindo cada um deles foros de acontecimento nacional e trazendo a Coimbra o que de melhor se fazia no país a nível teatral. Em 1961/62 inicia-se a publicação "Boletim de teatro" do qual se editaram apenas 4 números.

Foram efectuados a partir de 1962 diversos "Concursos de Originais Dramáticos de Autores Inéditos".

Em 1965 foi editado o 1º "Caderno de Teatro". Ainda no ano de 65 o Argentino Victor Garcia, encenador convidado, projectou o CITAC para diversos festivais como os de Parma, Nacy, Erlangen, Barcelona, entre outros. Em 1968 no 3º Festival Internacional de Liège foi considerado o melhor grupo de teatro alí presente.

Em 1969 o director artístico é Ricardo Salvat, espanhol, e em 1870 é de novo um argentino - Juan Carlod Ovideo - que vem encenar o espectáculo "Macbeth, o que se passa na tua cabeça?" numa adaptação livre da tragédia de Shakespeare, com participação no Festival Internacional de Parma. Após uma digressão à cidade do Porto com este mesmo espectáculo, o CITAC é encerrado pela polícia, acusado de "escola de perversão" e o espectáculo de imoral.

Apenas em 1974 o CITAC retoma as suas actividades e até 1978 apresenta-se com um projecto cultural bem definido, surgem experiências de teatro de rua e de intervenção. A partir de 1978 são recomeçadas as produções regulares de teatro, participa no I Festival Internacional de Expressão Ibérica (FITEI). Em 1981 é criado um ciclo de actividades denominado "Projectos e Progestos/Tendenciais Polemicas nas Linguagens Artísticas Contemporâneas, coordenado por António Barros e Rui Orfão, "... Trabalhos no sentido de fornecer informação e sensibilidade para linguagens, expressões e filosofias da arte contemporânea". Esta iniciativa estende-se até 1985 e estiveram envolvidos 92 artistas de outros países.

Em 1984 é apresentada a peça de Fassbinder Katzelmacher sob a direcção de Mário Barracas. São iniciadas apresentações de espectáculos de "Clowns pelo grupo CITAC-LOWNS recém formado.

Em 1986 é convidado para encenador Paulo Filipe para a direcção artística, que conhece e encena "Murder in the Cathedral" de T. S. Eliot tendo esta sido apresentada em monumentos degradados e esquecidos e passíveis de intervenções, (Convento de Santa Clara a Velha, em Coimbra; Mosteiro da Serra do pilar no Porto; Castelos de Soure e de Leiria).

Em 1988 o cenógrafo Andrezej Kowalski cria com o grupo o espectáculo "Procurando" partindo de temas musicais de Laurie Anderson, com o fim de sensibilizar o público para novas formas de expressão teatral, que não se limitem a uma linguagem uniforme.



ORIGEM DA LENDA DE FAUSTO

Durante o 1º milénio da era cristã, surgiram várias histórias sobre homens que queriam adquirir poderes ou dádivas sobrenaturais, através de acordo feitos com o Diabo.

A primeira e mais divulgada destas lendas conta que o ajudante de um bispo, de nome Theophilus, que, durante o

CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE

BIBÁ SÉRIE BÊ O FANTASPORTO/91 ESTÁ A CHEGAR



FEVEREIRO - O mês mágico por que anseiam todos os amantes do cinema em geral e do fantástico em particular. Até parece mentira estamos, finalmente, no segundo mês do ano, o tal que faz parecer os outros onze um período demasiado longo que se arrasta penosa e indolentemente.

Chegou o "FANTAS", nome pelo qual é carinhosamente denominado pelos seus admiradores o Fantasporto - Festival Internacional de Cinema do Porto.

Este certame realiza-se este ano pela 11ª vez, o que faz dele uma instituição com enraizadas tradições no panorama cinematográfico nacional. Aproximadamente, 60 000 espectadores em 1990 são, por si só, sinal de forte implantação e de popularidade que este festival conseguiu alcançar.

Mas qual é, então, o segredo deste sucesso?

Tudo começa por uma organização laboriosa e eficiente que tem sabido ultrapassar todos os obstáculos e dificuldades que se tem deparado - e que são sempre bastantes - desde logo, a começar pela habitual falta de apoios por parte das entidades oficiais - como é o caso do Instituto Português de Cinema, da Secretaria de Estado da Cultura (que só este ano decidiu conceder uma verba de 10 000 contos) e da Câmara Municipal do Porto (que, nesta edição, ofereceu as instalações do Teatro Municipal Rivoli) - as quais parecem ignorar a importância e o contributo que o Fantas tem tido para a divulgação da 7ª arte, da cidade do Porto e, mesmo até, de Portugal. Por esta razão, a realização dum festival desta envergadura constitui uma verdadeira aventura, que é, em grande parte, sustentada pelo apoio económico de empresas privadas que apostam e acreditam na qualidade e grandiosidade do Fantasporto.

Depois, é a capacidade para saber atrair todo o tipo de público, é a capacidade de saber democratizar o cinema, de o saber levar, nas salas do Auditório Nacional Carlos Alberto e dos Lumière A e L, a um público heterogéneo, que compreende todas as camadas etárias e sociais, que vai desde as crianças aos mais velhos, que passa pelos desordeiros rufiões de sábado à noite aos mais famosos nomes do "show-bizz" nacional, aos críticos nacionais e internacionais, aos actores, produtores, realizadores... Enfim, diversidade.

Além disso, os organizadores deste certame (cabendo aqui especial destaque para Mário Dorminski, verdadeiro pai do Fantas) têm tido a preocupação de aliar a vertente competitiva à divulgação de cinematografias de países com pequena produção, casos da China, Grécia, Holanda, entre outros. Também tem havido a preocupação de dar a conhecer ao público filmes de novos realizadores, tendo alguns deles conhecido a consagração nacional e mundial no seio do Fantasporto, assim foi o caso de Luc Besson, Neil Jordan e Pedro Almodovar.

Em resumo, uma verdadeira celebração do cinema e da sua vocação de arte e de espectáculo de massas.

Este ano, durante dez dias (de 8 a 17), o Fantasporto reserva-nos um programa bem recheado, com um forte sector competitivo, no qual destacámos os reconhecidos nomes de Nicholas Roeg, Tobe Hooper, Sam Raimi, Claive Barken e Jean Luc Godard. Mas não há só competição. Serão realizados, simultaneamente, os ciclos de "cinema e banda desenhada", de "Terror Urbano" e as retrospectivas dedicadas a Arnold Schwarzenegger (com realce para "Total Recall" de Paul Verhoeven) a Alain Jessua (realizador francês) e ao Cinema Catalão (destacando-se aqui o nome de Bigas Luna - lembram-se de "Angústia"? - que vai estrear no Porto e os filmes "Lola" e "Reborn"). Finalmente, realizar-se-á a secção especial, tão do agrado do grande público, dedicado a sucessos de 1990 como foram "Dreams" de Akira Kurosawa e "Dankman" de Sam Raimi.

Resta fazer um aviso: Coimbra não vai beneficiar da Extensão do Fantasporto, ao contrário do que sucedeu em 1989 com algum sucesso, por isso só lhe resta uma alternativa - VÁ AO PORTO. Descubra por si o que é um grande festival de cinema e constate que a série B é um outro género cinematográfico e não apenas um género menor e tantas vezes olhado com repúdio pela crítica e pelo público.

Atravesse a *ponte* que o há-de levar ao mundo do onírico e do imaginário...

José Manuel Campos

ACONTECIMENTOS QUE ACONTECERAM

Eu sei que este título é estúpido e pleonástico, mas estou absolutamente indiferente a essas formas de moral púbica, perdão pública. Vamos ao que interessa:

1. MONUMENT PROJECT

Do Porto (penso eu) vieram estes rapazes, com ideias multimédias, que se servem de todos os meios que dispõem para tentar comunicar o projecto que formam e que são.

Aqui estiveram no Gil Vicente e tocaram coisas bastante variadas, desde música clássica a "My Funny Valentine", também composições próprias que vão desde o simples acústico às complicadas teias dos sintetizadores e à pujança de guitarras eléctricas a rasgar caminho para uma voz que faz lembrar Peter Murphy, David Bowie, Iggy Pop e Croix Sainte e que teve, tem e terá muito para dizer.

Usaram também habilmente o gesto, a expressão facial e dramática, as palavras e ainda os silêncios.

Não havia muito povo a ver, mas entre a assistência contava-se Luís Villas Boas, Vítor Rua, Jorge Lima Barreto e provavelmente o Fausto Silva também lá estava. O público, no entanto, ouviu, aplaudiu e obrigou o grupo a tocar mais umas músicas e ainda a uma improvisação que foi um dos momentos altos do espectáculo e que terminou com uma sincera gargalhada do vocalista.

Pena é que estes rapazes não tenham mostrado a sua faceta mais rocker, mais glam, mais speedada e tenham deixado muita gente na ignorância de orgasmos sonoros como "My insensual Nation" e "Golden Chaos".

E, no fim, o público foi-se embora, os instrumentos foram retirados do palco, o Gil Vicente ficou vazio e o som caminhou para o silêncio.

2. NA PELE DO URSO

Um bom policial do cinema independente que nos mostra que marginal não é a mesma coisa que criminoso e que os grandes da sociedade não são propriamente santos. A epopeia de um jovem que vai aprendendo a viver num turbilhão de emoções, violências e silêncios. As façanhas de um homem que o vai ensinando a viver. Alguém que fala através do silêncio. Os segredos que toda a gente esconde. Pessoas que fingem a sua morte para que ninguém as chateie.

Além de tudo isto, um bom divertimento.

Muita gente no Gil Vicente, que ficou até ao fim do genérico final, para ouvir "Singapore" de Tom Waits. Sim, é este o último ("last but not least") motivo: Tom Waits.

3. REUNIFICAÇÃO ALEMÃ

Foi o tema de um debate na Faculdade de Letras.

Muita banalidade por parte da maioria dos falantes, que repetiram a cantilena da RTP do Senhor Cavaco (obrigado, já vimos). No entanto, quem lá foi, teve o prazer de ouvir as palavras inteligentes de um professor de Filosofia, cújo nome esqueci, e do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, que falaram como homens pensantes, levaram à reflexão e defenderam posições pessoais e fundamentadas, para vergonha de todos os que precisam de alguém que pense por si.

4. CRISE DA ECONOMIA SOVIÉTICA

Da "Fora de Texto" espera-se sempre algo de bom. É esta uma editora (cooperativa) formada por pessoal de Coimbra, herdeira do brilho da "Centelha", que na medida do possível tenta fazer prevalecer os valores artísticos e ideológicos sobre os interesses económicos e onde, além disso, se pratica a autogestão cooperativa.

No Grémio Operário, foi apresentada a obra "Crise da Economia Soviética" de João Bernardo. Como seria de esperar, pouca gente. João Bernardo falou com todos os que quiseram falar com ele, soube dialogar e quando começou o debate tinha já a simpatia do seu lado.

Falou de muitas coisas, do sistema, dos sistemas, de História, da loucura, da sanidade, do Golfo, da utopia, das utopias. Não foi uma chata dissertação sobre economia, foi antes uma interessante troca de palavras acessíveis mesmo para quem nada sabe de economia. Respondeu ao que lhe perguntaram, riu, usou largas doses de humor variando entre a ironia, o humor negro, o sarcasmo e o simples bom humor, sobretudo em relação a um cão presente na sessão, o "Kaiser", que "também tem o direito de ouvir" (SIC).

5. VIGÍLIA PELA PAZ

Muito bonito. Organizações bastante diferentes unidas num ideal comum.

A Praça da República esteve mais viva. Uma fogueira, placards e faixas onde se podia escrever, guitarras, vozes, muito convívio que durou até às tantas.

Mostrámos que podemos (e queremos) fazer algo diferente e melhor em relação à guerra. Não mudámos o mundo mas, pelo menos, entre nós houve paz, convívio, contacto humano, amizade e alegria. Bom seria que os governantes pensassem como nós e se tentassem divertir à volta de uma fogueira com guitarras braguesas e tudo o mais, em vez de fazerem o que fazem.

Pena também que os meios académicos (olá, D.G.! olá, Emídio) tenham alienado as suas responsabilidades, talvez para ficar em casa a fazer malha, ou então a arrumar os cadernos e a engraxar os sapatos... de quem?

6. O PROCESSO DE LETRAS E FCTUC

Tudo começou com uma portaria do nosso querido Ministério de (Má) Educação sobre o novo regime de estágios, conspirado no segredo dos deuses (desculpem, deuses, se vos ofendi), que além de retirar a remuneração aos estagiários (íamos viver de quê? mendigar comida ao Carneiro? ou ao Belmiro de Azevedo?), punha em causa toda a sua dignidade profissional reduzindo as suas competências e os seus poderes.

A D.G. do Emídio não dormiu (finalmente!) deu as mãos à lista U de Letras e aos estudantes afectados e fez-se uma RGA na qual o Gil Vicente esteve mais concorrido que na exibição de filmes portugueses. Falou-se muito, quase sempre levantando questões interessantes, ficou o propósito de agir, pois "Se eles têm o poder, nós temos o contra-poder".

Ficou assim combinada uma manifestação para a abertura oficial das aulas, pois estaria cá o Senhor Cavaco e Companhia (sociedade anónima de irresponsabilidade ilimitada) além dos meios de comunicação social.

"Eis que veio o dia "como diria o Joaquim da Pampilhosa e no tal dia o povo da manifestação era muito menos que o da RGA. Provavelmente foram a Fátima ver a Virgem Maria...

No entanto, houve cartazes, houve corpos e almas unidas em protesto e D. Cavaco dignou-se dirigir-nos a palavra.

A nossa mui querida, santíssima e demais virtuosa RTP esteve cá, mostrou D. Cavaco, sorridente na missa ou lá o que era aquilo, na sua amena cavaqueira com D. Alarcão e seus pares, nas suas poses de gala de pré-campanha eleitoral não assumida. Mas quanto a nós estudantes, em luta pelos nossos direitos, com muito para dizer e para procurar, nem uma palavra.

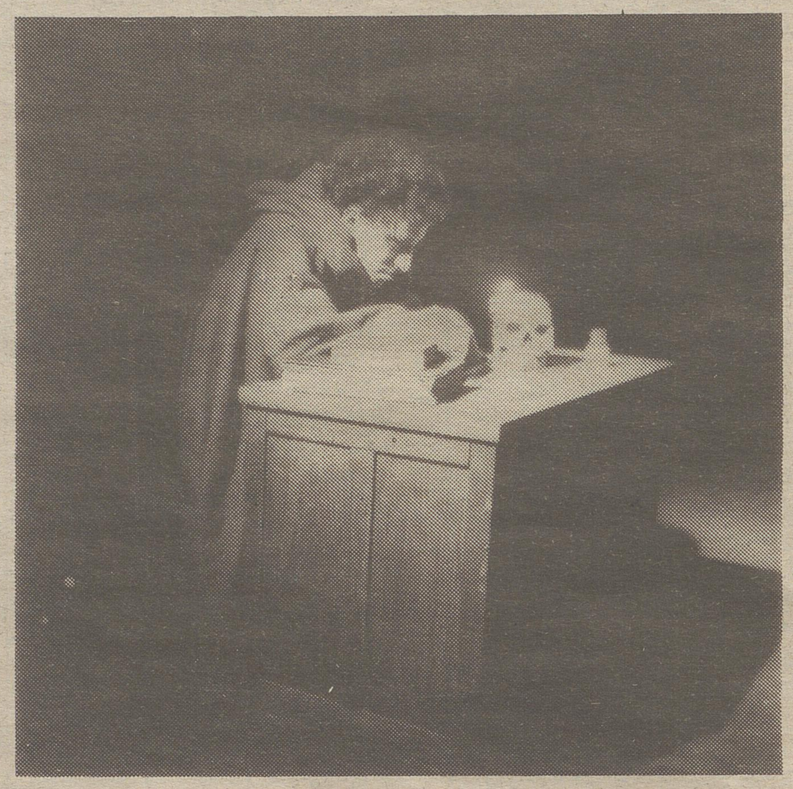
Francamente, senhores da RTP: isto não é democracia. A informação deve ser a procura da verdade e dar voz aos anseios do povo. Não foi isto que aconteceu: a RTP apenas divulga aquilo que é do interesse dos plutocratas. E os plutocratas não precisam de mais poder, pois até já têm demais.
Não será isto uma forma de fazer terrorismo com a faculdade humana que é a comunicação?

Ai Jasus...

Carlos Ramos

CONTINUAÇÃO DA PÁG. ANTERIOR

reinado do Imperador Justiniano, tendo sido insultuosamente demitido do seu ofício, celebrou um contracto, onde renunciava a Jesus Cristo e à Virgem Maria, e aceitava Satanás como seu Amo e Senhor. Imediatamente após esta celebração, foi-lhe atribuído o ofício, mas Theophilus em breve se sentiu aterrorizado com o que tinha feito. Durante 40 dias e 40 noites jejuou e rezou à Virgem; até que ela lhe apareceu e escutou a sua prece. Assegurado da graça divina, ele publicou a



confissão do seu pecado e proclamou o milagre do seu perdão. O contrato foi queimado publicamente, e pouco depois Theophilus morreu, em estado de graça, passando a ser conhecido como Theophilus, o Penitente. Esta história é representativa de muitas, pois o interesse sobre este tema tornou-se constante na Idade Média.

No séc. XVI, emerge um novo protagonista, que se irá tornar mais famoso do que Theophilus ou qualquer dos seus antecessores. A era pertenceu aos estudantes errantes, que eram suspeitados, pelo povo, de praticar bruxaria. A crença na magia e na bruxaria parece ter infectado o próprio ar dos sécs. XVI e XVII. As condições eram propícias para que um desses estudiosos, um Alemão, se tornasse o núcleo em torno do qual se cristalizou o corpo da lenda e folclore relacionado com a noção de um facto com o Diabo.

O histórico "George" ou "John Fausto" parece ter sido um estudioso itenerante. Os documentos sobre as suas actividades datam de1507 a 1530; e um outro, de 1545, diz-nos que ele teria morrido pouco antes. Em 1587 apareceu a primeira narração completa sobre a lendária vida e morte deste novo protagonista da secular lenda do pacto. Este livro, chamado o Livro-Alemão de Fausto (German Faust-BooK) tem como fim a edificação do homem. Mostra-nos as terriveis consequências da entrega voluntária dos pecadores ao Mal com o fim de gratificar o seu orgulho, ambição e luxuria.

O histórico Fausto era um estudioso errante, mas o seu bibliógrafo moralista, influênciado pelo pensamento do campo, confere ao herói alguns toques de curiosidade intelectual Renascentista.

in: Marlow, Christopher; *Doctor Faustus* -

Introdução

"Todos nós somos iguais. Somos feitos dos mesmos ingredientes, como se de uma mistura química se tratasse; mesmo sendo esta ou aquela característica mais ou menos vincada em cada um de nós, não deixamos de ter a mesma constituição".

in: Schreiner, Olive; *Story of an African Farm*

Fausto, o lendário, é uma humanização dos sentimentos e desejos (beleza, conhecimento, amor), patentes em todos nós. Estes sentimentos, intempóreos que são, mostram, no entanto, facetas diferentes com o evoluir do tempo. Assim, o Fausto de hoje não é, nem pode ser o Fausto do século passado. É a consagração desta característica de intemporalidade, este conseguir atravessar a barreira do tempo, que toma o Fausto de Kowalski num sucesso. Assim, e intervalando duas situações pesadas e ansiosas (antes a tentação de Fausto por Mefistófeles e; depois: o trágico encontro com Margarida) uma passagem por um salão de beleza-onde se aproveita para ironizar sobre curas de beleza falhadas-Fausto passa do séc. XVIII para o séc XX.

O CITAC, como organismo amador que é, conseguiu, no entanto uma realização louvável desta peça. Através de um interessante jogo de cadeiras fez com que o espectador participasse, ao ponto de se sentir totalmente absorvido pela atmosfera que o rodeava; empurrado para o mesmo palco que Fausto.

T.M.A.

DESPORTO

J. ALBUQUERQUE
TERRY GOMES

TORNEIOS - ABERTOS

Já a partir de Fevereiro iniciam-se os Torneios Abertos organizados pela AAC. Futebol de Salão, Basquetebol, Andebol e Voleibol são as modalidades em compita. - Porquê só agora? era a pergunta que se impunha fazer. Filipe Silva, Coordenador do, agora, Gabinete de Actividade Recreio e Desporto (GARD), explicou o porquê e avançou novas perspectivas. "Tivemos que repensar todo o desporto nesta casa". Não existe nenhuma associação, nenhum clube, ou colectividade que tanto pense e repense o desporto como a AAC. Todos os anos se repensa, todos os anos se organizam torneios. Filipe Silva não desarma "não havia nenhuma actividade previamente estabelecida. O Pelouro Desportivo estava desorganizado e necessitava dum staff técnico, constituido por técnicos de diversas modalidades, que assegurassem o bom funcionamento dos torneios, independentemente de ser esta ou não a futura D.G.". Este ano a AAC resolveu, pois, profissionálizar a área da organização desportiva; contratou técnicos especializados e pretende organizar um torneio que marque a viragem no Desporto Universitário. Porquê só agora? "Havia falta de horas decentes para a prática desportiva".

Para estes Torneios Abertos a "D.G./AAC pretende que as arbitragens sejam feitas por federados" pretendemos, assim, estimular a prática desportiva e a competividade, evitando por outro lado a falta de comparência dos árbitros e a desorganização. "O problema das arbitragens é sem dúvida questão de extrema importância para a valorização do Desporto e para a dignificação dos torneios. A D.G. diz que também está a negociar um seguro para o atleta universitário, tal como existe para o atleta federado, iniciativa que se sauda. A inauguração dentro em breve do Centro Clinico, poderá também constituir uma grande ajuda para a reabilitação e prevenção de lesões.

Ao nível da organização, o GARD, instituiu ainda o cartão de atleta, que para além de possibilitar a utilização do centro clinico, funciona como controle da própria organização, "o que se pretende, no fundo é que a nível organizativo e burocrático, estes torneios tenham uma estrutura profissional, mas sejam praticados por estudantes universitários, que têm de regular a sua vida desportiva, com a vida académica".

Os Torneios Abertos da D.G. 90/91, estão aí. Como é normal, o mês de Fevereiro é sempre o mais apetecível para organizações destas: "inscrevo-os agora, depois se verá" é o raciocínio fácil e despachado de quem precisa de apresentar um curriculum vitae a tempo de mais um acto eleitoral.



Os torneios decorrem no Estádio Universitário, e no Pavilhão do O.A.F.. Após a assinatura do protocolo que envolveu a reitoria, a AAC, e o O.A.F., a AAC passa a beneficiar de 3 horas por dia, durante 3 dias por semana do pavilhão do O.A.F.," foi uma regalia da Reitoria cedida à AAC". Assim às segundas, terças e quintas no pavilhão do Solum terão lugar os jogos de futebol salão; o basquetebol e o voleibol serão jogados no Est. Universitário. Quanto ao andebol, ainda se encontra em fase de estudo.

Estes torneios, têm também, como finalidade a selecção dos atletas que irão representar a AAC nos Campeonatos Nacionais Universitários. A novidade reside em quem vai escolher os atletas, "são os técnicos de cada uma das modalidades que irão escolher os atletas. Pretendemos assim evitar situações do passado. Os técnicos são: Prof. Robalo (basquetebol), Prof. Rui Freitas (voleibol), Alexandre (andebol) e Luís Alcoforado (futebol salão).

A fase final dos C.N.U., de futebol salão, realiza-se entre a segunda e terceira semana de Março em Coimbra. É também intenção da D.G. que se realizem em Coimbra as restantes fases finais dos C.N.U. "Vamos apresentar a nossa candidatura, para mostrar às pessoas o trabalho que se está a fazer em Coimbra".

Os torneios estão aí, a DG/AAC está a negociar seguros, arbitragens, equipamentos. Não duvidamos da boa vontade mas...

Emídio Guerreiro disse a Cavaco Silva "1991 será o ano da ética desportiva; 1990 a luta pela ética". Que o seja!

DESPORTO ACADÉMICO
Contributo para um debate

As particularidades que têm revestido o desporto da A.A.C. ao longo dos tempos, transformaram-no no caso mais apaixonante de todo o Sistema Desportivo Nacional (S.D.N.). A provar esta nossa ideia está a quantidade de agentes que sempre envolveu e a enorme onda de simpatia e carinho que o rodeia. Nós próprios, nos últimos oito anos, nos temos empenhado apaixonadamente na sua vivência e discussão. E com a autoridade e responsabilidade que nos advém deste facto, permitimo-nos equacionar aqui as suas diversas variáveis, perspectivando algumas ideias que funcionem como achegas para um debate sempre aberto e pertinente.

Sublinhando a responsabilidade pessoal de todos os argumentos, e das soluções aqui preconizadas, vamos então empreender uma análise sistémica ao "Desporto Académico" tentando enquadrá-lo nas estruturas federativas que, à luz da mais recente legislação, serão a sua vocação mais natural.

A problemática do desporto na A.A.C.

Uma verdade inquestionável, será que o desporto na A.A.C. surgiu pela vontade que os estudantes da Universidade de Coimbra tiveram, em dedicar-se à prática de diversas modalidades desportivas.

As regras que então movimentavam o desporto de competição, favoreceram de forma definitiva, a sua aparição e desenvolvimento. Estávamos numa época em que os atletas tinham orgulho em ostentar um emblema, e sentiam o suor vertido a favor de uma determinada cor ou camisola.

Eram anos ainda longínquos do profissionalismo no desporto em Portugal!

A Academia em geral passou então a bater ao compasso do sucesso das equipas que a representavam, e não seremos excessivos se dissermos que o desporto funcionou como o maior elemento aglutinador e o capital mais elevado do prestígio que a A.A.C. foi grangeando.

Igualmente não se falava ainda em Desporto Escolar (D.E.) ou Desporto Universitário (D.U.), e logicamente as Secções Desportivas promoveram a sua inscrição nas Associações/Federações das respectivas modalidades, procurando uma actividade competível, credível e continuada, que motivasse os seus sócios e praticantes.

A Académica transformou-se então num clube desportivo com múltiplas virtudes, e sem alguns dos defeitos que eventualmente estas entidades enfermavam. E foi assim, que a cidade, a região e o país a adoptaram!

Ao advento do profissionalismo, a Académica e a sua mística inicial, ainda resistiram. A ordenados ainda magros que os outros clubes pagavam, contrapunha-se a certeza de uma formação humana e cultural, que mantinham em nível competitivo elevado a prestação desportiva das suas equipas.

Em resposta consonante com toda a evolução do S.D.N., algumas das Secções Desportivas foram cedendo uma a uma. Contrataram-se os profissionais possíveis e tentaram encontrar-se as melhores equipas, através de verbas vindas da quotização de sócios indiferenciados e do tecido económico e empresarial da cidade e região.

Paralelamente, o D.U. no país e em Coimbra, conheceu o seu apogeu e queda. Viveram-se períodos de verdadeira euforia com uma participação massiva em torneios abertos e inter-faculdades, seguidos de outros de completo vazio, que ainda sentimos e todos queremos inverter.

Após esta pequena análise da evolução histórica do desporto na A.A.C., convém-nos agora caracterizar de forma clara a sua situação actual. Assim, encontramos um clube desportivo com vinte e duas secções e um organismo autónomo que, com diferentes graus de ambição, se encontram empenhados na disputa de variadíssimos campeonatos organizados pelas Federações das respectivas modalidades; constatamos a preocupação progressiva na procura de um modelo fiável para o desenvolvimento do D.V., verificamos, por fim, um certo alheamento dos estudantes pela prestação das equipas que ostentam o emblema da sua Associação, e uma dificuldade crescente na disponibilidade para se dedicarem à prática de actividades físico-desportivas.

Que presente e futuro defendemos então para o Desporto na A.A.C.? Analisemos em pormenor as componentes definidas anteriormente.

O Desporto federado

Somos dos que perfilham, convictamente, a ideia de que a



FUGA- DISCOTECAS

IMPORTAÇÕES SEMANAIS
DE MAXI's, CD'S E LP'S

C.C. PRIMAVERA LOJA 21

CELAS

STATES - DISCOTECA

"RAVE ON COIMBRA"
Aberto de Segunda a Sábado
das 23 às04H.

Rua Machado de Assis 22 A

ROMISCH - BAR

Aberto todos os dias
das 21 às02H.

Rua dos Combatentes 110

A.A.C. deve continuar também como um clube desportivo. Mais!... Defendemos claramente que a Académica deverá ser cada vez mais um dos clubes mais ecléticos do país, uma excelente escola de atletas e o emblema mais representativo da cidade e da região. E isto só será conseguido com um elevado nível competitivo das equipas que disputam os diversos campeonatos.

Para atingir este desiderato, não nos repugna obviamente a contratação de óptimos profissionais, defendendo, no entanto, que seja considerado como prioritário o aproveitamento de estudantes-atletas, que atinjam performances enquadráveis nesses objectivos.

Estranhará a alguns o nosso esgrimir de armas pelo clube desportivo no seio de uma Associação de estudantes. Expliquemos as nossas razões.

Em primeiro lugar as razões históricas!

Só fica bem à actual geração de estudantes, fazer a assumpção plena de todas as tradições desportivas da sua Associação, até porque, e mau grado a alteração profunda de alguns princípios de origem, elas são conciliáveis com a hodierna realidade associativa. Depois porque isso funcionará como mais um contributo decisivo para a tradicional e desejável ligação da comunidade universitária, ao tecido sócio-económico da cidade e aos "académicos" espalhados por todo o mundo. Por último, pelas vantagens que podem advir quer exponenciando a qualidade do D.U. em Coimbra, quer pelo prestígio que forçosamente acarreta.

Convirá no entanto, consagrar alguns princípios de orientação que nos parece obrigatório observar, quais sejam os de não interferir com o desenvolvimento do D.U. segundo um esquema que adiante veremos, e de preservar sempre uma representação ética e desportivamente digna, de acordo com a política definida pela Direcção Geral eleita.

Para isto, os responsáveis da D.G. por este sector deverão articular, com um Conselho Desportivo eleito pelas Secções, o aproveitamento racional das instalações desportivas e dos meios logísticos, bem como a distribuição de verbas que lhe sejam adrede destinadas pelas entidades que devem financiar o seu desenvolvimento.

O esforço de todos não seria exagerado, havendo respeito mútuo e sem ingerências desnecessárias para além das já enunciadas.

O Desporto Universitário

Desde sempre que consideramos o D.U. como parte integrante e final do S.D.E. (como tal, com uma forte componente formativa) que deverá responsabilizar na sua organização, a tutela do Ensino Superior, a Universidade e a respectiva A.E.:

No caso de Coimbra, e após a implementação da lei da autonomia Universitária, a responsabilidade do D.U. deverá ser acometida aos órgãos de decisão da Universidade - Reitoria e Senado - e a Associação Académica, assumindo cada qual a parte que lhe respeita no seu desenvolvimento integrado desejável.

Como partes integrantes desse projecto teríamos então o planeamento e gestão de infraestruturas, os meios logísticos de apoio, a dotação de técnicos e a necessidade urgente de encontrar tempos curriculares para a prática desportiva. Estas quatro componentes funcionam para nós como um verdadeiro axioma sem o qual qualquer esforço para desenvolver o D.U. se torna quixotesco num combate contra a inevitabilidade da sua falência.

No entanto, a disponibilidade e vontade política que os responsáveis têm vindo a revelar, sugerem-nos para breve um optimismo moderado, até porque recentemente foi implementada uma nova filosofia de gestão do E.U.C. que permitiu já encontrar espaços suficientes para as actuais necessidades e viabilizou de imediato a instalação de um serviço médico-desportivo com capacidade de resposta para todos os estudantes que a ele queiram recorrer.

Neste domínio, haverá agora necessidade de manter planos plurianuais de construção de infraestruturas que preveja uma incidência especial em espaços dedicados ao desporto de lazer, um centro de estágio e o indispensável e urgente mini-complexo de piscinas.

Igualmente importante seria avançar já com uma proposta convenientemente estruturada ao Senado Universitário que atribuísse à A.A.C. a dotação com técnicos indispensáveis e os tempos curriculares necessários para uma prática continuada.

Restar-nos-ia então a necessidade de encontrar um esquema credível de competição organizada que funcionasse como catalizador de toda esta massa de praticantes.

A legislação em estudo, e que brevemente estará pronta para aprovação, remete para o movimento associativo, através da estrutura federativa existente, a responsabilidade de toda esta matéria. Embora com algumas nuances, que já tivemos oportunidade de referir aquando da preparação do parecer sobre o anteprojecto do D.L. numa reunião de A.E.'s, estamos genericamente de acordo com este princípio.

Por isto mesmo, não podemos deixar de criticar a inércia existente na Federação Académica de Desporto Universitário (FADU). Esta estrutura surgiu para substituir uma outra (FPDU) cuja contradições de nascença estiolavam de forma decisiva a sua acção. Para nosso espanto, contudo, o figurino e pressupostos da anterior federação mantêm-se na actual, pouco mais tendo mudado que as pessoas que as dirigiam.

Será que apenas houve necessidade de dar resposta a exigências de alguns gabinetes de Lisboa?

Como acreditamos que não foi só isso, ficamos à espera de uma reflexão séria sobre a organização nacional do D.U., seguida da implementação faseada de um projecto integrado que o lance irreversivelmente. E nisso todos teremos de estar empenhados, esquecendo complexos de inferioridade e provincianismos bacocos que alguns dirigentes de AE's, com responsabilidades no processo, têm vindo a revelar. Todos devemos ser responsáveis pelas garantias e possibilidades das gerações dos anos 90 e do próximo século.

Pela nossa parte continuaremos disponíveis para colaborar.

Apaixonadamente... como sempre!

Luís Alcoforado



LEIA "A CABRA"

livre directo

Secção de Automodelismo

A AAC irá ter, dentro em breve, mais uma secção. Será a secção de automodelismo que possui já uma pista no Estádio Universitário.

Livre Directo soube que as negociações sobre a construção da pista não foram pacíficas mas, ao que parece, o bom espírito académico prevaleceu e, tudo indica, a AAC irá enriquecer o seu ecletismo desportivo.

Se gostam de conduzir carros sem necessitar de cinto de segurança ou carta de condução(!) ou, simplesmente apreciar uma boa condução, aparecem no Est. Universitário...

Novo autocarro da AAC

A AAC passou a ter mais um autocarro, este de nove lugares. Como o prometido é devido a DG/AAC fez, esta semana, a apresentação "solene" da nova viatura que muito jeito irá fazer às secções que possuem um número reduzido de atletas.

De cesto em popa

A secção de Basquetebol já está nos quartos-de-final da Taça de Portugal. Agora que a escolha de americanos parece ser acertada, a secção prepara-se para dar o grande salto (há tanto esperado!...) - a subida à 1ª Divisão.

O Basquetol da Briosa encesta para a vitória...

Rugby

Todas as quintas-feiras, a partir das 18h00, no Est. Universitário, há treinos para quem queira aprender a jogar um pouco de *rugby*. Lembra-se, aos menos atentos, que a AAC disputa a 1ª Divisão nacional, que já vai na sua fase final.

Golo do Mês

Livre Directo apresenta-lhe a partir deste número, o seu golo do mês. Assim, o **1º Golo do Mês**, coube à formação do *Choro Místico Ginga Ballaya da Fac. de Direito*.

O jogo decorria a bom ritmo. Depois de um ataque da Ordem com o tão falado regulamento de estágio, os alunos da Fac. de Direitoinstalaram-se no meio campo adversário e obrigaram-no a defender muito perto da sua baliza. Os alunos já discutiam novas tácticas; impunha-se um *pressing* para a rápida conquista da bola. Havia quem dissesse que era necessário por o dedo na ferida – questionar as privadas. Foi então que se deu um rápido contra-ataque. As linhas atrasadas dos alunos não se mostraram à altura e o golo aconteceu. Sem deixar que a bola tocasse no relvado, *o Choros Místico* encheu o pé e fez um golão (leia-se: esplendida actuação na inauguração da Univ. Privada "Autónoma" agora também nas Caldas da Rainhas). Apenas um pormenor... foi na própria baliza.

ATITUDES E POSTURAS

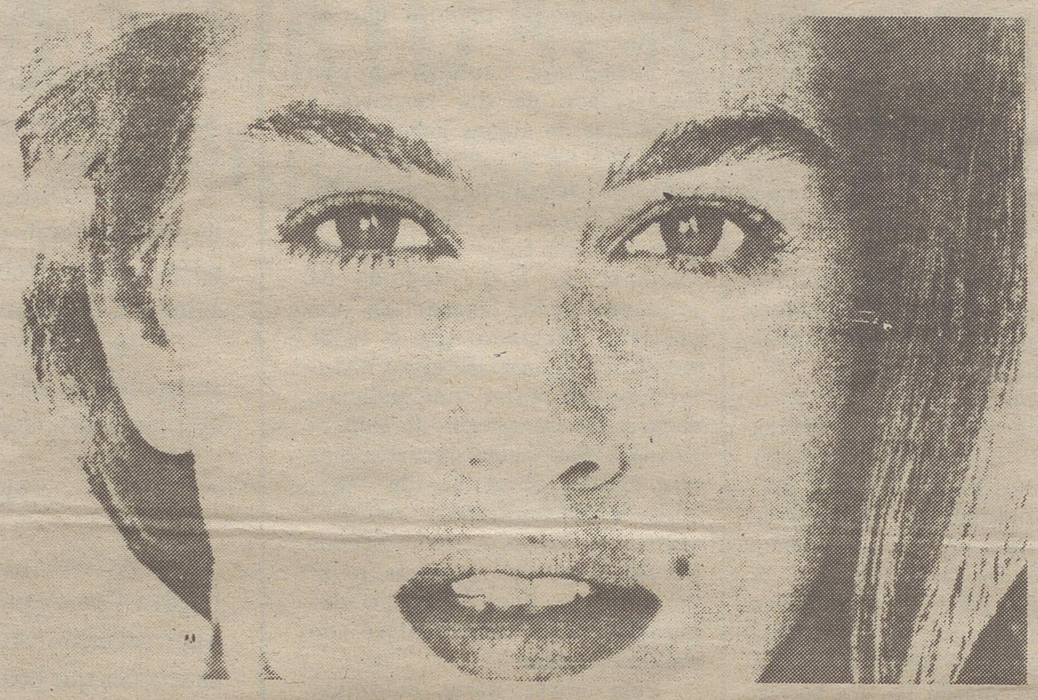
Crítica ao sujeito da situação situacional de quotidianos plurais. A abordagem analítica do seu abstrato.

Os dias começam e continuam cinzento caído. A poeira suja das últimas construções, reconstruções e remodelações torturam o corpo e a mente lentamente. A alternativa é o paralelismo. Ficção que não dialogue absolutamente com a realidade. Silêncio negativo. Sons, acústica e textura aparentemente irrelevantes. A carga é negativa e negra. Somos as borboletas mais bonitas. Enfunamos bandeiras, ves-tidos, calças, sweat-shirts com capucho de violência. Vem sórdida e cautelosa a destruição furiosa. Minuto a Minuto como uma maré.

A Alternativa é o Paralelismo
Somos as borboletas mais bonitas

Chove na praia dos seus desejos. A água da chuva dilui o sangue coagulado de centenas de cadáveres de aspirações individuais. O vôo parado e negro que substituiu o vermelho, o verde e o azul. A festa entorna risos elegantes de cor, prazer, sedução, alegria, vontade, cor e excitação. O Ser dança, joga e aposta tudo. A mesa de jogo é verde e tem quadrados bicudos e pequenos, vermelhos, rodeados por um brilhante dourado. O plano dos olhos dela exige na linha das margens das pálpebras um risco mais negro que qualquer noite alguma vez sonhada. O Mundo é o Mundo dos possíveis. As pestanas igualmente belas e negras. Vorazes. Os lábios são vermelho vivo. Apostava ele a vida em sete fichas por ela

O Vôo parado e negro
O plano dos olhos dela
Cor Prazer Risos



O Vôo parado e Negro Os olhos dela no Retrovisor

Uma paisagem verde claro a vários tons em que voasse um pássaro castanho glamour, olhos pretos, num céu azul claro que não torturasse a vista, que a perdesse e que anunciasse outro momento. O céu tem tido crepúsculos vermelhos vivos e negros medonhos. Antes não foi assim. A Era é a do Parelelismo. A Meditação. O Imperturbável. O Estático. Seremos serenos co-mo um Buda. Tchek tchek "tenho que escolher as cores, a sua intenção semio-lógica, o seu corpo, que não falhe..." Tchek tchek acende um cigarro. Pensar: o Modelo, a Superfície e o Campo.

Discutiram antes em reunião que tornou uma tarde e longa noite até ás 3h00, se a passerelle ou melhor o seu tapete seria verde, vermelho ou azul. É que azul, se escuro e vivo é lindo? Vermelho não e Carmim com castanho nobre e Outonal, rico em texturas e sob a salvaguarda de um dourado reluzente que o desproletarizaria. Produz? Produz. Problemática será ainda a coreografia do riso, do flirt e do bluff.

Os sentimentos vinham-lhe sobressaltadamente cinzentos e cruéis. Ontem as decisões com a equipe de produção houveram sido cansativas. Meio da tarde, o sol projectava uma luz demasiado clara e demasiado incidente, mas sem temperatura. Já tinha pouco tempo e o relógio de pulso assinalava-o impiedosamente, 1/4 de fracção de segundo antes de ligar a ignição de um automóvel preto reluzente. Na rádio tocava Enigma, os cantos gregorianos, new-beat "Dit moi Sade qu'est-ce que tu as cherché?" O cabelo está impecável. O cabelo preto, liso, reluzente, perfeito. Os olhos, o coração, a make-up, os brincos, o perfume e a pele e a pele, a pele, a pele a pele a pele a pele a pele a pele a pele a pele a pele a pele a pele a pele a pele a pele. Vrum Vrum - é o aquecimento do motor o seu calafrio preferido, gela-lhe os ossos gela-lhe a alma. Só a merece, só a terá quem tiver mesmo tudo e coexistir com tudo perdido e assim apte calmamente o desafio do seu prazer. São 7 fichas.

A passagem de modelos será do outro lado da cidade e começará às 22h00 em ponto. Pára, reduz, trava, acelera precipitadamente. As unhas cuidadas crispam-se no volante preto. A luz desaparece lentamente, os seus pensamentos são vagos, rondam o início das madrugadas em que o sono interrompido lhe fuma cigarro a cigarro a certeza de um Kainever, a chuva forte e grossa, destruidora e fertilizadora. Há o trânsito, há as buzinas, há rostos feios, desistentes, não capazes que não recebem convites, vivem desajeitadamente o des-perigo, a segurança do desinteresse, o des-perigo.

Chegou. Passos rápidos. Entra. A equipe de produção. Ela.

- Está tudo a correr bem?
- Perfeito
- Estou exausta...
- Fuma um cigarro e relaxa...
- Sinto-me um electrocardiograma

E fuma o cigarro retirada dos con-vidados presentes, quantos adoradores do prazer, do jogo, da aposta, do sangue, da carne, da saliva, do nú, do rebelde, da companhia que lhe a proporão. O olhar, as mãos, a passagem, os passos, os modelos, o gesto, a pose que seja indefinidamente meiga e inacessível, vil e conformada, doce como um beijo, imperatriz da sua destruição.

Da carne, da saliva, do nú
O gesto A pose
Doce como um Beijo

Ocorrem-lhe delícias, pensamentos vários, desvaneio, sonho, loucuras passadas, temperaturas, luzes, toques, contactos. É-lhe por segundos tudo tão claro, tão concludente, está ali tudo à sua frente. A vida é mecânica e simpática. As noites em que a agarrava pelas ancas e sentindo o perfume nos seus seios trans-divinos sob os seus olhos verdes safira a brilhar num ténue amarelo desbotado do candeeiro e do sentimento. Antes era um uivo, que era hipnose e sincronia como uma matilha de lobos alucinada.

A cama encontra-se no meio de uma sala ampla, templo dos rituais do seu viver, das suas meias verdades, dos argonautas que amou, do seu interior negro e vivo. Agora cumprimenta-se com ressentimento do óptimo que os cicatrizou e não os larga, vive e guerreia no imenso escuro dos seus interiores. A sombra desenha os seus músculos num traço fino-lâmina. Ao fundo da sala no canto esquerdo da janela única e de 1 por 3 m, na perspectiva oblíqua, in-clinada para a rua cá fora, encontra envolta num caído robe de seda claro a sequência da noite e a mulher que fuma um a um, três cigarros seguidos. Eles são a sua liberdade, a sua concentração, a companhia que a pe-netra lentamente ao ritmo do seu respirar. Lá fora, na rua deserta há 3 caixotes do lixo, um caído e carros sempre a passar.

Cigarros celebradores da dor, do amor acabado de executar, dos seus valores rígidos, da sua inflexibilidade, dos barcos que em pequenina desenhava repetidamente. O sofá com as calças e a camisa dele atiradas. Os casacos pendurados verticalmente. Vertiginosa.

Subconscientes lembranças, barcos, velas, lemes, vidros, roupas, corpos, salas, quartos, festas, épocas, cinemas, doces, teatros, corpos, vidros, roupas, ilusões, desafios, espaços, terras, vales, serras, granitos e verdade.

FIM

Ramiro Correia

Clinfor

Informática e Serviços Lda

DELEGAÇÃO de COIMBRA